
3 1761 07048265 8

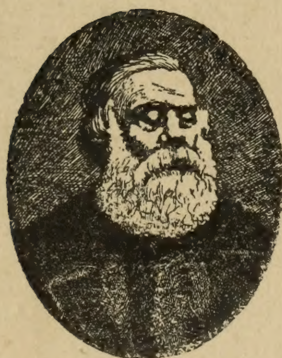


Obras completas
de A. F. de Castilho

XLV

Casos do meu tempo

VOLUME VII



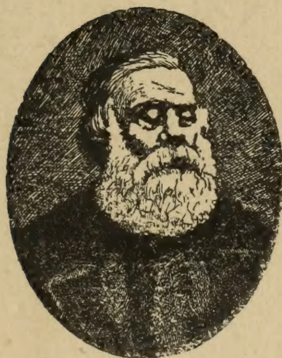
LISBOA
EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
95, Rua Augusta, 95
1906

Obras completas
de A. F. de Castilho

XLV

Casos do meu tempo

VOLUME VII



LISBOA
EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
95, Rua Augusta, 95
1906

Mário Filipe da Silva Ferreira
Ten. art.
Lembrança / Setembro / 1944

OBRAS COMPLETAS

DE

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

VOLUME 45.º

VOLUMES PUBLICADOS:

I—Amor e melancolia.
II—A chave do enigma.
III—Cartas de Ecco e Narciso.
IV e V—Felicidade pela Agricultura (2 vol.)
VI e VII—A primavera (2 vol.)
VIII a XV—Vivos e mortos — Apreciações moraes, literarias, e artisticas (8 vol.)
XVI a XVIII—Excavações poeticas (3 vol.)
XIX e XX—O Presbyterio da montanha (2 vol.)
XXI e XXII—O Outono (2 vol.)
XXIII a XXVI—Quadros historicos de Portugal (4 vol.)
XXVII e XXVIII—Novas excavações poeticas (2 v.)
XXIX a XXXII—Camões, drama e notas (4 vol.)
XXXIII—Canáce, tragedia original.
XXXIV—Um anjo da pelle do diabo.—O casamento de oiro.
XXXV—Aristodemo, tragedia. — A volta inesperada, farça.
XXXVI—A festa do amor filial. — A filha para casar.
XXXVII e XXXVIII—Palestras religiosas (2 vol.)
XXXIX a XLV—Casos do meu tempo (7 vol.)

NO PRÉLO:

XLVI—Estreias poeticas para o anno 1853.

OBRAS COMPLETAS DE A. F. DE CASTILHO

Revistas, annotadas, e prefaciadas por um de seus filhos

XLV

CASOS DO MEU TEMPO

VOLUME VII



LISBOA

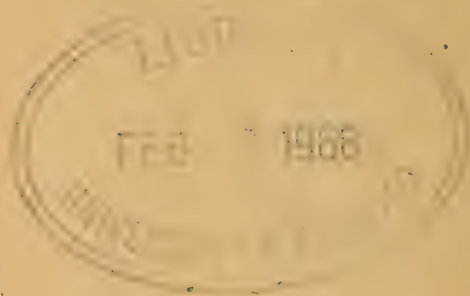
EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL

Sociedade Editora

LIVRARIA MODERNA | TYPOGRAPHIA

Rua Augusta, 95 | 45, Rua Ivens

1907


FEB 1968

CCXXXII

Lição para muita gente, que não ha-de aproveitar a ninguem

(Março de 1845)

Em um dia da semana finda, o Juiz de Direito de certa villa, não mui remota da Capital, Magistrado de reconhecida rectidão, deu d'ella uma prova, que mereceria registada nos livros de ditos e feitos de Valerio Maximo.

Chegou á audiencia; e vendo já todos nos seus logares, apenas subiu á cadeira puchou pelo relogio, e reconheceu que se havia enganado nas horas, e chegado mais tarde do que devia.

— Snr. Escrivão.

— ¿Que ordena V. S.?

— Autue-me.

— Autual-o, snr. Juiz!

— Não replique; cumpra a sua obrigação; autue-me, por eu não ter cumprido a minha.

— Mas...

— Autue-me, e faça-me os autos conclusos.

O Escrivão obedeceu; os autos subiram logo conclusos ao Juiz, que ali mesmo os despachou, condemnando-se em vinte mil reis, que immediatamente pagou.

(Rev. Univ.)

CCXXXIII

Innocencia

(Abril de 1845)

Certa criança, costumada a S. Carlos, recolhendo-se na quinta feira santa de assistir ao Officio de Trevas, fazia toda alvoroçada a relação do que vinha de presenciar.

—¡Que linda musica, minha maman!— dizia ella;—mas é uma pena: parece que não torna; levou uma grande pateada no fim.

(*Rev. Univ.*)

CCXXXIV

A fortuna bem empregada

(Abril de 1845)

¿Por que triste fatalidade acontece que, depositando semanalmente para esta folha tamanho numero de crimes e desgraças, raras vezes se nos deparem feitos ou ditos, que mereçam propostos ao respeito e á imitação?

¿Será porque o mal é commum, e a virtude rarissima? Os pessimistas assim o dizem; nós não o cremos.

Explicação mais verosimil nos parece, que, procurando a bondade, assim como o crime, encobrir as suas obras, ella por modestia, elle por vergonha, e ambos por medo, elle da infamia ou do castigo, ella do premio e da gloria, menos interessados ha, comtudo, em descobrir e pregoar o que não brilha senão com uma luz pequena e suave, do que ess'outras coisas que abalam fortemente os sentidos, e que, negrejando na vida real, como que estão mais harmonicamente conformes com os negrumes, de que a Literatura do nosso tempo prefere vestir-se e ataviar-se.

Outras rasões poderá haver; mas para explicação bastaria esta; porque, se as acções bellas, que se relatam, são poucas em

comparação das deploraveis que tão alto sôam, em compensação são ellas na realidade muito mais frequentes; e é talvez essa mesma frequencia, tambem, a que faz com que menos dêem na vista. Os casos de generosidade, de sacrificio, e de abnegação, rara será a pessoa que os não tenha presenciado mais ou menos, rarissima a familia em que se não tenham activa ou passivamente praticado.

Já alguem nos accusou de tanto referirmos horrores, sem lhes entresacharmos côres mais alegres, senão de longe a longe.

Se nós fizessemos novellas, como fazemos collecção de elementos para estatistica, muito pezo teria a arguição; nós porém repetimos o que nos vem á noticia; e com melhor vontade aproveitamos sempre o bom e louvavel, do que o feio, reprehensivel, e criminoso. Estes inimigos de relações tragicas melhor fariam em nol-as darem verdadeiras, de natureza instructivas, ou pelo menos divertidas e alegres. Juramos-lhes que tambem nós as preferimos; e nunca jamais passa uma ao nosso alcance, que devidamente a não apanhemos, para a repartirmos pelo Público.

Eis aqui uma que bem merece tirada da obscuridade.

*

Costumavam os empregados da officina lithographica do snr. M. L. entrar de sociedade n'um bilhete de cada lotaria da Misericordia.

N'uma das ultimas, eximiu-se um d'elles de tomar o seu quinhão, porque, disse elle, tinha

perdido a fé, e não devia ir perder mais doze vintens, de que a sua indigente familia tanto necessitava.

Um seu companheiro, outro pobre, mas que de cada vez entrava com 720 reis, tomou o quinhão enjeitado, e ficou com a sua entrada de 960 reis.

Anda a roda ; sai no bilhete o premio grande. Toda a sociedade ficou em alvorôço.

¿Todos ? menos um, que, sem inveja mas triste, considerava a felicidade que elle proprio renunciára, e parecia queixar-se mudamente d'este novo escárneo, que a fortuna acintosa veio fazer das suas penas.

—Meu amigo,—lhe diz chamando-o á parte o companheiro que tinha aproveitado o seu quinhão;—não quero que estejas desconsolado quando todos folgamos, nem pobre onde todos somos ricos. Recebe o que te pertence que são 250$000 reis, de que me has-de tornar 240 reis, que foi o com que eu entrei por ti.

Este homem, devêra a lithographia retratal-o para sua gloria, e pôr-lhe em letras de oiro o nome, que nós omittimos, por lh'o ignorarmos.

(Rev. Univ.)

CCXXXV

A aranha

(Abril de 1845)

Andando-se a limpar a monumental egreja de Belem, para a solemne imposição dos santos oleos na Serenissima Senhora Infanta D. Antonia, cahiu de um canto do tecto um vulto negro, vivo, ligeiro, do tamanho pouco mais ou menos de um sapo grande. Seguiram-n-o os que estavam presentes; alcançaram n-o, e conheceram com espanto e horror que era uma aranha, com alguns dos seus muitos olhos já cegos de velhice, algum tanto manca de um pé; no restante, muito bem conservada.

Este monstro, talvez contemporaneo da fundação da casa, talvez arribado aqui nos primeiros galeões da India, e que já por ventura — diziam muitos — haveria pendurado as suas cortinas na arca de Noé, tornava-se um objecto digno de curiosidade. Vinte Penélopes bem velhas não poderiam ter feito a quantidade de teias, que a imaginação lhe attribuia.

Eis a noticia, que se espalhou com incrivel rapidez por toda Lisboa, logo que, terminada a augusta ceremonia, se pôz franco

á admiração do povo o armado e sumptuosissimo templo dos Jeronymos.

A fama da aranha, diz-se, attrahiu só por si mais gente, que as maravilhas dos armadores e decoradores; quasi todos pediam com alvorôço para ver aquella realidade fabulosa, e para todos elles andava corrente a resposta nas bôccas da gente do sitio: o monstro tinha sido morto com dois furos de espêto, um na cabeça, o outro no lado esquerdo, e mandado para o Museu da Academia Real das Sciencias de Lisboa. No Museu, nos affirmam que não faltaram curiosos na quinta-feira passada, pedindo a todo o custo lhes deixassem ver a aranha dos dois arráteis.

Nossos paes tiveram o homem das botas; nós tivemos a aranha; ¿que terão os nossos filhos? Em todas as grandes cidades appareceu de tempos a tempos uma d'estas. Londres mesmo, e París, não contam poucas semelhantes nos seus fastos ridículos.

Todos temos telhados de vidro; não atiremos aos de ninguem.

(Rev. Univ.)

CCXXXVI

Mascarada horrorosa

(Abril de 1845)

Carolina Emilia, gentil moça de dezoito annos, vivia na travessa da Palha, em companhia de uma sua irman, tendo ambas, por unico patrimonio... a sua formosura.

Entre os ociosos frequentadores da casa, contava-se um mancebo de Lagos, estudante da Escola Polytechnica. Repugna-nos escrever aqui o seu nome, posto já vulgarisado.

Sem presumpções de lealdade, presumpções imposiveis, e virtude ainda mais impossivel para desgraçadas como ella, Emilia tinha comtudo amor a este mancebo. Longe de lhe vender os seus favores, era á sua bols a (diz-se) que elle recorria nos casos apertados; e estes casos, pela extravagancia d'elle, e pela pronta generosidade d'ella, tinham sido frequentes.

Entre as loucuras do ultimo carnaval, mostrára Emilia um vivo desejo de que fossem ambos mascarados ao baile da Opera. O amante aproveitou fervoroso a conjuntura de se lhe provar agradecido; e a 29 de Janeiro sahiram ambos, na melhor disposição possivel, para irem a certa casa, sua conhecida,

dizia elle, onde havia grande surtimento de vestuario de aluguel, em que um e outro podiam escolher a seu gôsto, e mandar para casa, para estarem com antecedencia prontos para o serão de domingo gordo.

Chegou a hora de deverem tornar, e não tornaram.

Era coisa que poderia ter mil explicações naturalissimas; a irman e a dona da casa fecharam as suas portas e socegaram, á espera da manhan seguinte; mas nem o seguinte dia, nem os immediatos, trouxeram noticias algumas dos fugitivos.

Phantasiaram-se novos romances, posto que d'esta vez já intertecidos de alguns vagos receios.

Uma carta os veio emfim desfazer de todo; era escrita de Lagos pelo raptor. «Aqui chegámos — dizia elle, por estas ou por outras palavras; — sua irman passa bem; recommenda-se-lhe, e acha-se contente e feliz. Desculpe-nos de nos não termos despedido; era mortificação para todos; quizemo-nos poupar a ella.»

Na seguridade, que estas poucas linhas produziram, se devolveram Fevereiro, Março, e mais de meio Abril.

Sabbado 19, na calçada de S. João Nepomuceno, chegava a Justiça á porta de um quarto, n'um segundo andar. O senhorio mesmo lhe requerêra, para que viesse abrir aquella porta.

Um mancebo desconhecido lhe havia alugado o quarto, aos mezes, nos ultimos dias do anno pretérito; pagára Janeiro adiantado, levára as chaves, e não lhe tornára a appare-

cer. Nas casas, d'esde então, nem se vira nem se sentira pessoa alguma; as janellas tinham permanecido abertas todo o tempo.

Arromba-se a porta; um cheiro insoffrivel vem suscitar desconfianças; entram; procuram.... N'um recanto da cosinha dão com um cadaver de mulher, bem vestida e bem calçada, com o pescoço afogado de uma corda em muitas voltas.

A novidade attrahiu povo. Houve quem julgasse reconhecel a pela irman, ausente já de muito, de uma rapariga moradora na travessa da Palha. Mandam-n a chamar; chega fora de si; reconhece-a; é sua irman, é Carolina Emilia, roubada de todo o oiro com que sahira de casa, e morta por aquelle mesmo a quem unicamente amava. Foi então, que se soube o nome d'elle.

Consta que não tardaram em se expedir as mais terminantes ordens, para o Algarve, a fim de ser prezo a subitas, e immediatamente remettido para a Capital.

A se lhe provar o crime, qual se representa, ¡quanto e quão pronto não deve ser o seu castigo! Cabe que os infames abusadores da boa-fé tenham n'elle um escarmento, como n'ella o tiveram esses entes perdidissimos, que tanto representam liberdade e alegria, e para quem a vida é toda um tecido de miserias, de amarguras, de desprezos, e de perigos continuos, até de morte.

FIM DOS «CASOS DO MEU TEMPO»

NOTAS

NOTAS
AOS
CASOS DO MEU TEMPO

NOTAS AO VOLUME I

Pag. 13, lin. 5—A joven Maria

Pesquizas emprehendidas por nós, a fim de esclarecer este artigo, deram-nos o seguinte: essa senhora era D. Maria Perpetua do Valle, baptisada nos Olivaes, onde nasceu, a 27 de Agosto de 1815; falleceu a 19 de Março de 1842; filha de José Joaquim Raphael do Valle e de D. Isabel Perpetua St. John; fallecida a 23 de Outubro de 1840.

Pag. 14, lin. 16—Um dos mais habeis medicos da Capital, o snr. Gomes.

Refere-se o autor ao celebre Dr. Bernardino Antonio Gomes, 2.° do nome, o qual era 2.° primo do mencionado José Joaquim Raphael do Valle.

Pag. 17, lin. 7—Dá-se parte ao Capitão Barrote

Passando pela rua direita de S. Paulo, foi o Capitão Barrote a primeira pessoa que deu pelos varios assassinios, que n'um 1.° andar acabava de cometter Francisco de Mat-

tos Lobo. Uns minutos depois chegava a todo o galope o Tenente D. Martinho de Almeida, que ainda presenceou o horroroso e medonho quadro d'aquelle estendal de cadaveres. Toda a vida repetiu, que nunca a impressão d'esse espectaculo sinistro se lhe poude desvanecer. D. Martinho foi depois casado com a Exma senhora D. Maria Benedicta de Vilhena, da Casa de Pancas e Alpedrinha, ambos paes do actual Deputado da Nação D. Thomaz de Almeida Manuel de Vilhena, e de uma talentosa e mallograda criança, fallecida ha poucos annos, a senhora D. Maria Ignez de Almeida.

Pag. 29, lin. 13—**O snr. Padre Salles**

Este bom Ecclesiastico, Gregorio de Salles Pinto, que ainda chegámos a conhecer, era um verdadeiro Santo. Dedicado ao triste mistér de ajudar a bem-morrer os condemnados á morte, parecia que, do seu longo tratar de tão perto miserias e tristezas, tinha tirado a melancolia invencivel que lhe ensombrava o olhar. As *Memorias de Castilho* tratam minuciosamente d'este virtuoso «pae dos enforcados» (como diria Balthazar Telles).

Pag. 32, lin. 1—**O Prior de Marvão**

N'este lutuoso drama de Mattos Lobo avulta grandiosamente a figura apostólica do dedicado e ascético Prior, homem educado á antiga, e pronto a todo o genero de sacrificios Gloria á sua alma. Elle e o bom Padre Salles são os dois Anjos da guarda n'essa tragedia medonha.

Pag. 32, lin. 32—D. Adelaide Pereira da Costa

Foi uma das victimas do allucinado Mattos Lobo. Essa senhora era viuva do grande e mallogrado musico portuguez João Evangelista Pereira da Costa, autor de varias operas representadas em S. Carlos, e fallecido na emigração em Calais em 1831.

Pag. 36, lin. 7—Simões, o mais moço

Este esboceto rapido dos dois carrascos está muito bem feito; Simões chega a enternecer-nos; a sua piedade, que transparecia a travéz do seu mau comportamento anterior, está provavelmente a abonar educação religiosa em casa de seus pobres paes; educação que não conseguiu (certo é) fazer d'elle um homem bom, mas que ainda assim deixou sobrenadar no temporal desfeito da sua vida a uncção christan.

Pag. 43, nota, lin. 5—O Dr. Resende

Refere-se Castilho a João Januario Vianna de Resende, autor de varias obras de veterinaria, e Doutor em Medicina pela Universidade de París. Innocencio enumera os titulos de algumas producções d'esse talentoso homem, que, a pesar das suas originalidades, era respeitabilissima pessoa. Viveu annos na rua da Bella Vista da Lapa, e julgamos que ahi falleceu.

Pag. 53—Final da descripção da morte de Mattos Lobo

Todo este artigo é escrito com uma sobriedade de estylo, que torna mais solemne ainda a narração de tão repugnantes scenas.

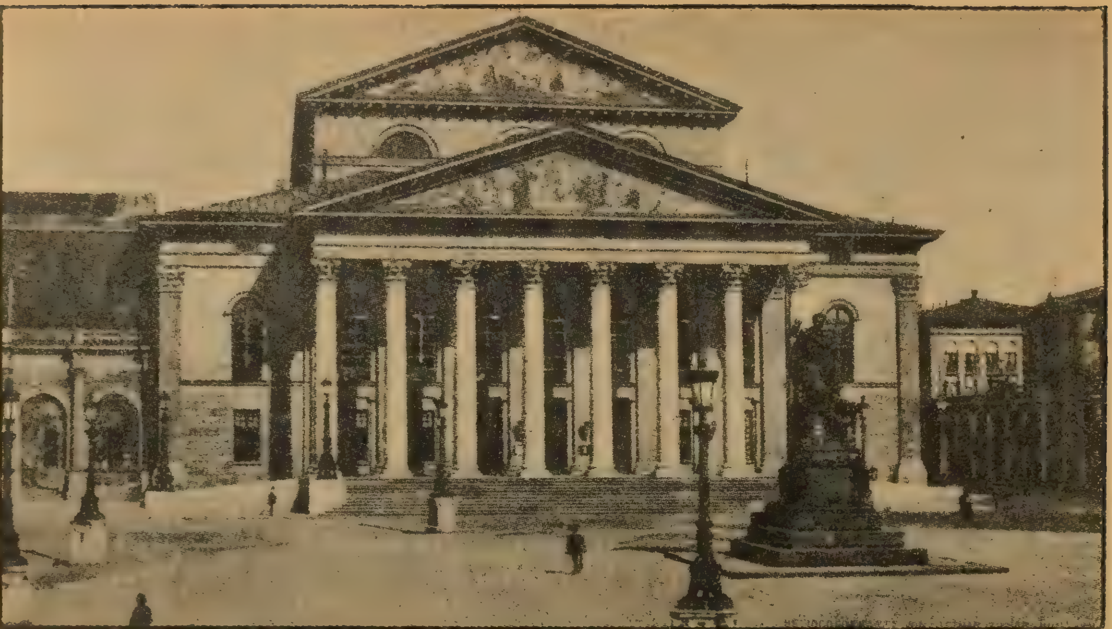
Poucas considerações de sua lavra deixou o autor, que viessem quebrar a monotonia tristonha de uma tão pungente chronica.

O interessante e ver como desde sessenta e quatro annos mudou n'estes assumptos penaes a opinião publica. A relação fiel que se acaba de ler, a custo a supportamos; a realidade dos factos, ninguem hoje a toleraria.

Angustioso é o problema da pena de morte, e para muitos ainda não resolvido. Joga com tão altas e melindrosas questões, de ordem moral e social, que não é para nós o discutil o, e muito menos no acanhado recinto de uma Nota. Respeitemos os que hoje de boa-fé preconisam a abolição da pena ultima, e respeitemos não menos os que em 1842, e ainda hoje, entendiam e entendem que ella é indispensavel Riscal-a dos códigos é facil; mas lembremo-nos de que Nações aliás cultas a conservam; e outras, depois de abolida, a restauraram.

Pag. 95, lin. 2—**Novo Theatro nacional**

Não se crê hoje o que deu que falar a construcção do theatro do Rocio. Quem percorrer os jornaes do tempo achará curiosos materiaes. O proprio sitio foi muito discutido; em logar do Rocio (ou *praça de D. Pedro*, se quizerem), em cujo topo setentrional se erguiam as desamparadas ruinas do palacio do Thesoiro publico, anteriormente Inquisição, preferiam alguns o largo de S. Francisco, onde junto á Bibliotheca publica se viam ruinas esplendidas de uma egreja monumental não concluida pelos Franciscanos,



THEATRO NACIONAL DE MUNICH

e cujas paredes, tão valentes como os muros de Thebas, davam talvez grandes á contas para a obra.

Além d'isto, os proprios riscos apresentados provocaram celeuma, porque a opinião queria traçado nacional, e a Commissão directora parecia favorecer o plano desenhado por Fortunato Lodi, cunhado do intelligente e poderoso Conde do Farrobo. Foi Lodi o concorrente preferido.

Muito se falou, muito se disputou, muito se escreveu, muito se discutiu a materia. Não temos elementos nem posses para sentenciar; diremos apenas que esse projecto de Lodi, dado como *original*, era (na opinião de um insigne architecto já fallecido) o plagio descarado do Theatro Real de Munich. Para confirmarmos essa suspeita mandámos vir vistas d'esse Theatro, e aqui reproduzimos uma. O publico julgará.

O severo e ás vezes desabrido Raczynski chama a Fortunato Lodi «architecto italiano do novo Theatro da praça do Rocio Custou esse edificio — continúa o critico prussiano — cerca de 300 contos, isto é 1:800:000 francos. Figura-se-me ser esse o seu maior contra; tal despeza é erro grave do Governo, attentas as magras finanças do paiz. Este meu reparo, entenda-se bem, não se dirige ao architecto. Pelo que respeita á acustica deixa o theatro muito que desejar; a sala é comtudo bonita e rica, e a repartição interior da casa é acertada. Lodi terá agora (1846) seus 34 annos». [1]

[1] *Dict. hist. art.*—pag. 178.

Pag. 95, lin. 10—Um tapume de madeira em volta do palacio queimado do Rocio

A' gerações actuaes recordaremos que esse *palacio queimado* era o do antigo Thesoiro publico, onde estivera até 1821 o tribunal do Santo Officio, edificado por Carlos Mardel, depois de 1755, no sitio aproximado do primitivo paço dos Estáos. O incendio do Thesoiro em 1836 foi medonho; ahi se consumiram irreparaveis documentos de alto interesse.

Pag. 97 — **O rabequista**

Este conto, elegantemente bordado sobre um caso muito verdadeiro, succedido na serra da Estrella em 1842, é das producções mais leves e scintillantes da penna de Castilho. Graça, exacção, sobriedade no descriptivo, gradações na narrativa, tudo tem esta pequenina joia literaria, que mil vezes a Imprensa jornalistica tem reproduzido, e que mereceu ao illustre Castelhano e Snr. D. Pedro de Torres Cabrera uma primorosa traducção impressa na *Revista de Estremadura* do visinho Reino, da qual é redactor um muito erudito advogado, o Snr. D. Publio Hurtado.

Pag. 98, lin. 31 — **Paganini**

O mais extraordinario tocador de rabeca do seculo XIX, segundo opinam muitos entendedores. Tocar bem e expeditamente, tocar como uma machina, tem menos de talento do que de perseverança; mas tocar com a pericia, o sentimento, e o brilho de Paganini, é phenómeno que a Historia da Arte regista de seculo a seculo.

Pag. 101, lin. 12 — João de Marana

Allusão a uma das obras de Dumas pae.

Pag. 119, — Palacio da Justiça

Antonio Bernardo da Costa Cabral, 1.º Conde e 1.º Marquez de Thomar, era um dos estadistas de mais envergadura e energia que Portugal tem tido. Foi elle quem juntou os Tribunaes civeis e crimes no extinto Convento da Boa-Hora. Mais do que isso lhe ficou devendo a administração publica.

Pag. 121, lin. 24 — Uma tentativa artesiana se mallogrou no Largo de S. Paulo

Não foi bem no largo de S. Paulo, mas sim na travessa contigua, que se realisou essa tentativa.

De um livro que muito bem tratou taes assumptos, extrahimos o seguinte, que entra n'este ponto:

Os poços *artesianos* remontam a altissima antiguidade; nos oásis do Egypto existem, d'onde brotam nascentes; ha-os na Pérsia, na Média, na Syria, no Saharah, e até na Argelia se lhes encontraram vestigios. Teem os Chinezes habilidade summa em manejar as sondas com que se perfuram estes poços. O mais antigo que em França se conhece sobe até ao anno 1126, e está no antigo convento dos Cartusianos de Lillers; mas é na provincia do Artois que se acham os mais peritos operarios para este genero de excavações; d'ahi provém o nome moderno de *artesianos*. Os exforços do Visconde Héricart de Thury, engenheiro eximio, os seus livros, os seus discursos, influiram desde

1818 as Sociedades agricolas, as Academias, etc., a promoverem a abertura de poços de sonda em muita parte. Os estudos dos geólogos mostraram que a agua corre com facilidade em todas as profundidades na massa do calcáreo cretáceo; que ha nos terrenos estratificados uns vácuos enormes, cavernas colossaes, que absorvem rios inteiros; ha lá por baixo lençoes immensos de agua, até aguas correntes. Pela theoria do siphão explica-se optimamente o motivo por que jorram á superficie da terra desde que a sonda lhes abriu sahida facil, a uma elevação menor que o seu desaguadoiro natural. O poço artesiano de Grenelle, em París, deu que falar em toda a Europa; começado a perfurar no 1.º de Janeiro de 1834, pelo engenheiro Luiz Mulot, só em Fevereiro de 1841 jorrou agua. Esse intervallo de espectativa publica deu azo a epigrammas, risos geraes, quasi insultos do Publico de París contra Mulot. París ri de tudo; ¡o que não seria d'aquella teima de um homem em opposição ao chamado *bom-senso* dos ociosos! París enganou-se. Dizia e teimava Mulot: «N'este ponto deve haver agua a uns 550 metros de profundidade». A agua appareceu a 548 metros. ¡Que triumpho! eram 4:600 litros de boa agua por minuto, para abastecer a sêde de uma Capital enorme. D'então para hoje aperfeiçoaram-se muito os aparelhos perfuradores. Não é para aqui o descrevel-os. Concluiremos lamentando que este systema não seja mais espalhado em Portugal. ¿Quem sabe o que os nossos terrenos conteem de lymphas magnificas, serviçaes, e civilisadoras?

Pag. 148, lin. 23—Havia-se precipitado do Arco grande das Aguas-livres

A passagem que existe por cima dos Arcos das Aguas-livres foi uma bella estrada que servia a todos os que pretendiam transportar-se de um cume para o outro, isto é, desde Campo-lide até Bemfica.

O isolamento d'esse caminho de pedra causou ahi muitos ataques de ratoneiros, e muitos assaltos de assassinos. Foi ahi um dos theatros do miseravel Diogo Alves, de triste memoria. Além de roubos e assassinios, houve d'ahi innumeraveis suicidios. Parece incrivel o desleixo das autoridades na vedação d'essa causa proxima de tantos males. Quem mais se distinguiu na campanha difficil, de obter essa vedação, foi Castilho na *Revista*. Hoje só com licença se penetra lá; e é pena que o Publico, em geral, se veja privado de um passeio encantador.

NOTAS AO VOLUME II

Pag. 27, lin. 10—Os herdeiros do snr. Trigoso

Allusão ao Dr. Francisco Manuel Trigoso de Aragão Morato, Lente da Universidade, Deputado em 1821, Conselheiro de Estado, Ministro, etc., nascido em 1777, e fallecido em 1838. Grande talento e grande illustração.

Pag. 36, lin. 15 — Ode de Horacio

Refere-se o autor á Ode IV do Livro I de Horacio, onde se lê

Pallida mors æquo pulsat pede pauperum tabernas
Regumque turres.................

Isto é: Com pé egual percute a pallida Morte as choupanas dos pobres e os alcáçares dos Reis.

Pag. 58, lin. 21 — **O snr. Barão d'Eschwege**

Este estrangeiro, vindo a pedido do seu patricio el-Rei D. Fernando, superintendia as obras da Pena, isto é, a transformação do antigo convento manuelino no amálgama heterogéneo e vistosamente theatral do actual paço. Foi Eschwege assiduo collaborador da *Revista Universal*.

D'elle diz Raczynski no seu *Diccionario:* «E' um Allemão oriundo de familia muito antiga; General ao serviço de Portugal; tem mais de 60 annos. Pessoa instruida, intelligente, honesta; sem ser especialista em architectura, trata-a como curioso apaixonado, que a estudou um pouco, e possue um espirito em geral muito culto. A despeito d'isso tudo, estou muito longe de approvar as construcções que este General executou em Cintra no paço da Pena.»

Pag. 59, lin. 21 — **O snr. Pinheiro Furtado**

Trata se do então Governador do Castello de S. Jorge, Eusebio Candido Cordeiro Pinheiro Furtado. Este benemerito militar introduziu na praça de guerra do seu commando grandes melhoramentos materiaes; é certo; mas (¡santo Deus!) aos olhos dos archeólogos cometteu vandalismos inuteis, e inexplicaveis. O seu ponto de vista não foi a conservação do que ainda por ali restava, que não era pouco, da Olisipo, da Aschbouna, e da Lisboa velha; bem o reconhe-

cemos; mas, se o bom de Eusebio Candido tivesse podido ter alguem que o aconselhasse, sería duas vezes benemerito: á luz do progresso, e á do respeito á Antiguidade.

Pag. 77, lin. 13 — **Manuel Felix de Oliveira Pinheiro**

Nascido, segundo Innocencio, a 23 de Março de 1774, e fallecido a 24 de Janeiro de 1845. Era Bacharel formado em Direito, Advogado notavel, e Presidente da sua Associação de classe; pessoa respeitabilissima e respeitadissima.

Pag. 87, lin. 2 — **Monumento ao senhor D. Pedro IV**

Não sabemos quaes foram todos os varios projectos apresentados para esta obra nacional por architectos e escultores nacionaes. Constam-nos os nomes de Lucas José dos Santos, que apresentou dois, e Manuel Joaquim de Sousa, em 1843. Veja-se a *Revista Universal Lisbonense*, T. III, pag. 193. Alem d'estes concorreram os dois habilissimos scenógraphos de S. Carlos, Rambois e Cinatti, Fortunato Lodi, etc.

Pag. 88, lin. 1—**Fortunato Lodi**

Este artista, muito patrocinado por seu cunhado, o benemerito 1.º Conde do Farrobo, motivou a justa animosidade do Publico e dos artistas, pela sua insistencia em querer supplantar, sem merecimentos reaes, segundo parece, os escultores e architectos nacionaes. A *Revista Universal* pugnou quanto poude em favor dos Portuguezes.

Pag. 95, lin. 4—A piedosa Marqueza de Nisá, D. Eugenia

Essa senhora era D. Eugenia Maria Josepha Xavier Telles de Castro da Gama Ataíde Noronha Silveira e Sousa, 7.ª Marqueza de Nisa por sua cabeça, 11.ª Condessa da Vidigueira, 11.ª Senhora do Almirantado do Mar da India, 7.ª Condessa e 15.ª Senhora de Unhão, 15.ª Senhora do Morgado de Boquilobo, 16.ª dos de S. Matheus e Santo Eutrópio, 11.ª do da Foz, e de todos os mais das Casas de Nisa, Cascaes, Unhão, Castanheira, e Castro d'Ayre, etc. Casou em 1790 com seu tio D. Domingos Xavier de Lima, Marquez e Conde pelo seu casamento, 3.º filho dos 1.ºs Marquezes de Ponte do Lima.

Pag. 96, lin. 22—**O snr. Caldas**

Era Francisco José Caldas Aulete, Contador da Relação de Lisboa, proprietario abastado, e depois sogro do bom e instruido Antonio da Silva Tullio.

Pag. 106, lin. 3—**Inscripção no muro da cerca fernandina de Lisboa**

Essa inscripção mandada pôr pelo diligente Caldas Aulete ainda provavelmente existe, mas escondida de todo pelas novas edificações da *Escola Academica*. E' o utilitarismo a afogar as tradições. Triste ordem do mundo.

Pag. 119, lin. 2—**Injuria atroz a uma Nação**

Ainda não ha muitos annos eram frequentes em Lisboa os desatinos perpetrados nas ruas e nas lojas por marinheiros das esqua-

dras inglezas surtas no Tejo. O bom vinho das nossas tabernas subía lastimosamente á cabeça do leopardo, e o leopardo exhibia a sua brutalidade. Hoje, ou por mais policiamento a bordo, ou por temor dos agentes das nossas Autoridades, é raro que um marujo inglez se desmande, e promova represálias. Ha da nossa parte mais firmeza, mais energia; ha da parte d'elles mais pudor, ou mais medo.

Pag. 130, lin. 12—**Lourenço José Moniz**

Foi em muitas e successivas legislaturas Deputado pela Madeira este excellente e virtuoso homem, a quem todos veneravam. O epitaphio que lhe mandaram inscrever na campa, no cemiterio do Alto de S. João, é a expressão leal e justiceira da verdade. As *Memorias de Castilho* tratam muito do Dr. Moniz.

Pag. 134, lin. 13—**O Official de Marinha Castello Branco**

Foi Contralmirante, e pae do actual Barão de S. Pedro, Pedro de Castel-branco Manuel.

Pag. 141, lin. 2.—**O monumento de Dom Pedro**

Castilho pugnou quanto poude, com a maior convicção, e ás vezes violentamente, para que o monumento do Libertador fosse obra de artista portuguez. Para muita gente, ainda hoje teria rasão; para muita outra, a Arte não tem fronteiras. O monumento do Rocio veio a final a ser riscado e executado por um Francez, Elias Robert.

Pag. 153, lin. 5. — **O snr. Gitton**

Este homem emprehendedor e arrojado manteve durante annos a sua fabrica na rua do Arco do Marquez, no terreno que tinha sido outr'ora logradoiro do palacio do Ratton na rua Formosa.

. NOTAS AO VOLUME III

Pag. 5. — **Acclamação de D. João IV.**

E' um bonito quadro historico este capitulo, e os retratos das varias personagens, que entraram no espantoso cometimento da libertação do Reino, sahiram exactos e elegantes.

Pag. 23. — **Perigos de observar á risca o Mahometismo**

Não sabemos explicar o motivo por que ha cincoenta e sessenta annos eram muito frequentes pelas ruas de Lisboa os Arabes, Moiros, e Judeus. Hoje são rarissimos; apontam-se a dedo. Talvez provenha isso de diminuição de relações commerciaes entre Portugal e a Berberia. O que é tristemente certo, é que n'esse tempo o povo baixo perseguia pelas ruas, com grosseira insistencia, e muita vez com deshumanidade, os sectarios de outras religiões, quando os reconhecia pelo trajo. Hoje, valha a verdade, já a Policia não poderia tolerar esses crueis abusos, como parece os tolerava d'antes.

O caso narrado aqui de Bin Amour não foi unico em Lisboa.

Pag. 25, lin. 1. — Verissimo José Baptista

Este excellente homem, estabelecido com loja de papel e petrechos de escrita e desenho na rua *direita do Loreto*, então n.º 78, porta que hoje (depois da demolição dos casebres) fica na *praça de Luiz de Camões*, n.º 30, tinha nome em toda Lisboa. Ter nome é vulgar; mas é muito mais apreciavel gosar incondicionalmente, como elle, das sympathias de todos os que o conheciam; e não eram poucos.

A sua loja, ali posta em 1834 (se nos não enganamos), era das mais afreguezadas, das mais conceituadas, das mais bem providas, de toda Lisboa.

Atraz do balcão, commandando com bonhomia paternal uns poucos de caixeiros, o bom Verissimo sorria com ar benevolo aos freguezes, e, por assim dizer, fascinava-os com o seu olhar sagaz atravéz dos finos oculos de oiro. Entrava-se ali esperançado, sahia-se satisfeito.

N'aquella loja pequenina atulhada até ao tecto, e nos desvãos escuros d'aquelle armazem anexo, que ainda hoje abrange até ás Salgadeiras, havia a certeza de achar tudo: desde o mata-borrão, até aos mais sumptuosos papeis para desenho e impressão; desde o papel de sombra, até ás telas; desde o toca-lapis de latão, até ás canetas de phantasia para brindes; desde as tintas inglezas para aguarella, miniatura, e oleo, até ás pratas e oiros legitimos para illuminura de Missaes; desde os exemplares de escrita com riscos e ligações, até aos magnificos modelos a agua forte para Academias. Era um

encanto deixar correr a vista por aquellas vidraças, e espreitar que bonitos albums, que bellos tinteiros, que engenhosos aparelhos de escritorio, nos negaceavam alinhados. Na Lisboa de 1840 e tantos, nenhuma loja da especialidade se permittiria rivalisar com aquella, modesta nos adornos, mas surtida com opulencia e primor.

O que havia, e ha, n'aquelle antro, ninguem saberia calcular; mas o que havia cá fóra, na voz e no gesto de Verissimo, todos o viam: era o hospitaleiro acolhimento sincero e cordeal, que só por si constituia o melhor dos chamarizes.

Ouvimos contar isto assim pouco mais ou menos:

Quando por 1834, depois das lutas, se fundou o estabelecimento, foi em nome de dois socios: Verissimo, e outro; e como eram amigos verdadeirissimos, o seu titulo commercial ficou sendo *verissimos amigos* (com V maiusculo), Os Verissimos, a loja dos Verissimos, o optimo papel dos Verissimos, as bellissimas tintas dos Verissimos, tudo isso adquiriu reputação classica em toda a Capital. E' que a perfeição impõe-se: a bondade do dono era egual á das suas mercadorias; tudo são e leal.

Uma das feições pronunciadas n'elle era a caridade. Caixeiro que para lá entrasse, e se portasse bem, ficava sendo um amigo, um tutelado; o patrão auxiliava o em tudo quanto podia e sabia: ensinava o a economisar, a collocar bem os seus fundosinhos, em summa, a fazer carreira. Freguez pobresito, estudante mal avindo com os cobres, tinha cer-

to grande abatimento no papel de Whatman ou no lapis de Walter, e ás vezes, ainda em cima, a titulo de qualquer coisa, uma folha, uma caneta, uma duzia de pennas a mais.

Amicissimo dos animaes, possuia Verissimo um canario domesticado, que era a sua delicia; entendiam se os dois como dois antigos condiscipulos; e em troco da alpista, do olhinho de alface, ou do torrão de assucar, o canario coçava com as patinhas a calva do dono, e chilreando agradecimentos poisava-lhe familiarmente no aro dos oculos.

Esses oculos (como tudo n'este homem) tinham tambem uma singularidade, lá da sua invenção: os vidros eram bipartidos no sentido horizontal: para cima, grau de myopia; para baixo, vista cançada; e assim, sem custo, nem mudar de instrumemto, o dono alcançava para longe, ou conseguia ler typo miudo.

Nos proprios objectos da sua venda evidenciava Verissimo a sua originalidade; quando não tinham nome, ou elle o ignorava, dava lh'o lá da sua ideia; e os nomes novos pegavam. Exemplos:

Essas fitas circulares de caoutchouc destinadas a ligar papeis, ou quaesquer outras miudezas, chamou lhes elle *utilías*:

— ¿ Porquê, ó snr. Verissimo ?

— Porque é coisa *util*, e *liga* — respondia elle. (Do francez *lier*).

Aquelles pequeninos aparelhos cylindricos recobertos de papel mata-borrão, e girando sobre um eixo ligado a um cabo, chamou-lhes *chupancras*.

— ¿ Por quê ?

—Porque *chupam* a tinta, que em francez é *encre* — tornava elle sorrindo por cima dos oculos.

Seria por 1842 ou 43, depois do caso do Moiro, que Verissimo se aproximou de Castilho. O talento fascinava-o; e, como bom patriota que era, tudo que illustrasse Portugal arrastava o a elle. Castilho, sempre fácil, e apreciador de bons, comprazia-se alguma vez na conversação d'aquelle bom. Verissimo tambem gostava de conversar comsigo mesmo, e com as suas recordações. Construira no cemiterio dos Praseres, n'um recanto, um jazigo em feitio de choça de colmo; pois de vez em quando ia-se para lá, sósinho, com algum livro que lhe melhorasse a alma, sentava-se á sombra do seu telhadinho rustico, e ali se deixava ficar horas esquecidas a ouvir ramalhar os ciprestes.

Para mostrar o apreço que o modesto industrial do Loreto consagrava ao Poeta, basta dizer isto: quando lhe constou o fallecimento de Castilho, n'aquella triste tarde de 18 de Junho de 1875, mandou logo logo á rua do Sol um proprio com uma carta para a enlutada familia; ignorando se o Poeta possuia jazigo em algum dos cemiterios de Lisboa, offerecia o seu; isto com uma franqueza, uma simplicidade, uma bonhomia commovedora. Não foi necessario aceitar a offerta, mas ficou registada.

Pag. 25, lin. 9. — **Padre Manuel Rebello da Silva**

Nascido na freguezia da Cumieira, concelho de Santa Martha, arcebispado de Braga,

em 22 de Maio de 1767, e fallecido em Lisboa, depois de longa enfermidade, em 15 de Março de 1849, com oitenta e dois annos. Foi Frade Franciscano, Professor de Lingua arabe no seu convento de Nossa Senhora de Jesus. Secularisado em 1834, depois da vandálica suppressão das Ordens religiosas, passou a simples Presbytero; e foi Professor do Lyceu de Lisboa, Socio da Academia Real das Sciencias. O Governo, em attenção aos longos e conscienciosos serviços d'este insigne arabisante, nomeou-o Commendador da Ordem de Christo em 1842. Foi seu irmão mais moço o talentoso Luiz Antonio Rebello da Silva, Deputado, pae do notavel orador e Par do Reino Luiz Augusto Rebello da Silva. O que ahi fica é extrahido do *Diccionario* de Innocencio.

Pag. 25, lin. 17. — **O snr. José Joaquim Gomes de Castro**

1.º Visconde e 1.º Conde de Castro, politico intelligente e consciencioso, cujo papel nas lides parlamentares foi notavel.

Pag 33, lin 14. — **Os homens da bomba no alicerce do theatro do snr. Lodi**

O subsolo do Rocio, assim como de muita extensão da parte baixa de Lisboa, contem agua em abundancia. Quando se escavavam os alicerces para o theatro de D. Maria II, ao qual aqui se chama epigrammaticamente *do snr. Lodi*, por ser d'elle o risco preferido, jorros de lympha interrompiam a prosecução da obra. Era um diluvio; as bombas não chegavam a dar-lhe vasão;

os jornaes falavam, os technicos esmoreciam, o Publico ria, commentava, e entrou a chamar ao edificio theatro *agrião*.

Pag. 41, lin. 17. — **Viriato Sertorio de Faria Blanc**

Era irmão do Visconde de Camarate, Hermenegildo Augusto de Faria Blanc, filhos ambos do Desembargador da Casa da Supplicação José Bernardo Henriques de Faria, Cavalleiro professo na Ordem de Christo, e de D. Emilia Rosa Virginia de Moura Telles. Nasceu Viriato em Lisboa em 1804, formou-se em Direito, foi Deputado ás Côrtes, e exerceu com esplendor a advocacia. Falleceu a 17 de Dezembro de 1854.

Escreveu o *Elogio historico* do celebre D.or José Homem Corrêa Telles, e collaborou na *Gazeta dos Tribunaes*.

Pag. 42, lin. 1. — **João de Deus Antunes Pinto**

Era Bacharel formado em Canones, Conego da Sé de Lisboa, Desembargador da Relação e Curia Patriarchal, Advogado célebre e violento nas discussões. Ouvimos ter sido pessoa de talento; do seu moral e do papel politico que representou durante o regimen liberal, nada sabemos.

Pag. 42, lin. 2 — **Antonio Maria Ribeiro da Costa Holtreman**

Foi um dos advogados mais sagazes que tem havido entre nós. Dotado de grande talento para as argucias forenses, raras vezes dava uma causa por perdida, tal era a pe-

ricia com que sabia fazer navegar o seu barco entre as encapelladas ondas da chicana. A sua elocução, nada brilhante no sentido literario da palavra, cortava como um gume de aço.

Pag. 42, lin. 2 — **Hermenegildo Augusto de Faria Blanc**

Acima nos referimos a seu irmão Viriato Sertorio. Hermenegildo, subsequentemente Visconde de Camarate, foi jurisconsulto apreciado pelo seu saber, e pelo seu porte sempre correcto e honesto. Casou duas vezes: a 1.ª, em 1844, com D. Maria da Purificação de Lima, fallecida em 1862; a 2.ª em 1863 com D. Leopoldina d'Almeida Pimentel de Moura Coutinho, filha do notavel José Joaquim de Moura Coutinho, Juiz da Relação de Lisboa, e de D. Maria Candida de Almeida Pimentel.

Pag. 46, lin. 22 — **O nosso traductor de Tacito**

¿Refere se Castilho ao doutissimo Joaquim Annes de Carvalho? não cremos, visto que a sua traducção de Cornelio Tacito não chegou (segundo Innocencio) a ver a luz pública. Verdade seja, que podia o Poeta ter compulsado a obra em manuscrito, por concessão amavel do traductor.

¿Referir se-hia acaso á versão portugueza dos *Annaes* por José Liberato Freire de Carvalho?

Resolva o problema quem souber.

Pag. 58, lin. 15 — **Condessa do Vimieiro**

Esta senhora, D. Theresa de Mello Brey-

ner, Condessa pelo seu casamento, foi um dos talentos femininos mais notaveis. Forma ao lado das Alcippes, das Francilias, das Balsemões, das Pimenteis Maldonado. Bastava a *Osmia* para lhe conquistar logar muito alto.

Pag 67, lin. 15—**Reminiscencias lombares de Lord Byron**

E' tradição ter Lord Byron, durante a sua curta estada em Lisboa, sido victima de um espancamento, motivado por insolencias do poeta. D'ahi os insultos com que nos mimoseia. *Sub pectore vulnus.*

Pag. 67, lin. 19—**Vender veneno**

Refere-se Castilho á deshumanidade dos Inglezes, que vendiam opio aos pretos e aos chinas.

Pag. 67, lin. 25—**Nós ainda não passámos do mólho da carqueja**

Para limpar o interior das chaminés andam pela França toda os pobres pequenitos saboyanos, denominados *ramoneurs*, tão bem caracterisados por Voltaire:

.... ces honnêtes enfants,
Qui de Savoie arrivent tous les ans,
Et dont la main légèrement essuie
Ces longs canaux engorgés par la suie.

Quem podesse escrever a chronica minuciosa e exacta d'estes numerosos *petits Gervais*, que assim encetam a existencia por perigos e trabalhos, escrevia um poema de la-

grimas. A sorte das crianças populares é um dos problemas mais duros de resolver para os dirigentes; a exploração d'ellas é medonha.

Pag. 67, lin. 34—Sacy

Refere-se Castilho ao sabio orientalista francez Antonio Isaac Silvestre de Sacy (1758–1838), cuja fama foi muito grande, e cujos trabalhos perseverantes e bem dirigidos tanto contribuiram para a diffusão d'aquelle genero de estudos em toda a Europa.

Desde muito novo, dizem os seus biographos, deu mostras de prodigiosa actividade cerebral e amor ao estudo. Aos vinte e tres annos já era conhecido por varias obras, que lhe mereceram o cargo de Conselheiro Real na Casa da moeda. Aos vinte e sete entrou como Socio na Academia das inscripções. Rebentou a revolução. Nem a sizudez do seu pensar, nem os seus habitos ordeiros, nem as suas ideias religiosas, nem o seu gôsto para o estudo, nem o seu porte sempre virtuoso, lhe permittiram sympathisar com as ideias que aniquilaram a França; escondeu-se no fundo de uma provincia, e entregou-se lá ao estudo e á beneficencia. Mandava celebrar o Sacrificio da Missa todos os domingos em sua casa; pois apesar de tal *crime*, não o perseguiram, porque a visinhança toda escondeu aos espiões esse attentado.

Tendo a Convenção estabelecido em 1795, pelo decreto de 2 de Abril, uma cadeira de linguas orientaes na Bibliotheca Nacional, foi Silvestre de Sacy nomeado professor de Arabe. Em 1806 foi professor de Persa no Collegio de França.

Em 1808 elegeram-n-o Deputado; em 1815 foi creado Reitor da Academia, e membro do Conselho Real de Instrucção Publica; em 1832 foi elevado ao pariato; e em 1838, ao sahir de uma sessão da Camara, cahiu com uma apoplexia que o victimou em poucas horas.

«Este homem extraordinario — diz um narrador que extratamos – conservou até ao fim da vida todas as suas faculdades intellectuaes, e um raro apêgo ao trabalho. Quem via todas as provas dos livros arabes e persas que se estampavam na Imprensa Real, era elle; elle, quem redigia a correspondencia e as actas da Academia; elle, quem pronunciava o elogio dos socios fallecidos; n'uma palavra: trabalhava sempre, e sempre em dia. Animava-o a mais sincera piedade; toda a sua vida foram acções caridosas.»

Das obras que deixou, o maior numero pertence a estudos das linguas orientaes; a elle se devem — diz um autor — as facilidades que ha hoje, criadas por elle á custa de prodigiosos esforços.

As suas principaes producções são:

—*Grammatica arabe*. A 1.ª edição é de 1810.

—*Chrestomathia arabe*, escolha de trechos literarios, com a traducção franceza em frente.

—*Sessões de Hariri*, diccionario de synonymos, etc.

—*Memorias sobre a natureza e as evoluções do direito de propriedade no Egypto, desde a conquista de Selim até á expedição franceza.*

Pag. 68, lin. 1.—**A escola arabiga de Jesus**

O convento de Nossa Senhora de Jesus, em Lisboa, onde é hoje a séde da Academia Real das Sciencias, dava capellães para as armadas; e é bem de ver que as longas e amiudadas viagens d'estes Padres haviam de ter produzido polyglótos. A alta conveniencia do conhecimento das linguas orientaes para estes nómadas pastores de almas, fez com que se criasse no convento, e com bom resultado, uma aula de arabe. E' essa a mencionada no texto.

Pag. 69, lin. 22.—**Estreias**

Ovidio no Livro I dos *Fastos* conta com a sua graça habitual a origem d'estas costumeiras da civilidade. A elle remettemos o leitor, com a certeza de que ha-de ser muito bem recebido pelo mais agradavel dos conversadores da Antiguidade romana.

Pag. 71, lin. 21.—**O anno de 42 deu a China aos Inglezes**

Foi no anno de 1785 que as primeiras caixas de opio chegaram á China, remettidas da India pelos Inglezes; a despeito da campanha instaurada contra esse veneno, a elle se habituaram invencivelmente os Chinezes. Continuou o contrabando do opio, a ponto de que o producto da sua venda equivaleu ás consideraveis sommas pagas á China pelo seu chá e a sua seda. O Governo de Pekim percebeu que tinha um deficit na exportação comparada com a importação, o que o fez promulgar leis severas contra o commercio do opio; e chegou a

aprehender em 1839 uma avultada somma de caixas de opio nos armazens dos negociantes inglezes, as quaes valiam 75 milhões. Foi esta aprehensão o signal da guerra. Logo em Julho de 1840 uma esquadra ingleza occupou a ilha de Tcheou-Chan, na costa do Tche-Kiang, avançando até á barra do rio Pe-Ho, e exigindo indemni ações ao Imperador. Em Março de 1841 nova tentativa se deu sobre Cantão; e, depois de infructuosas negociações, as forças inglezas devastaram em 1842 os portos commerciaes de Emouy, Chang-Hai, Tcha-Pou, Ning-Po, e avançaram até Nang King. Ahi foi assignada a paz, compromettendo-se o Imperador da China a pagar 21 milhões de dollars como indemnisação de guerra, e permittir feitorias britannicas em determinados pontos.

O que ahi fica é quasi textualmente traduzido de um livro francez, ao qual deixamos a responsabilidade da orthographia dos nomes chinezes.

Pag. 71, lin. 22. — **O anno de 1842 matou o herdeiro de França**

Em 13 de Julho de 1842 morreu desastradamente arrojado de uma carroagem Sua Alteza Real o Duque de Orléans, Fernando, filho primogenito de Sua Majestade Luiz Filippe Rei de França. Tinha apenas trinta e dois annos, já muito cheios de meritos, virtudes, e serviços ao Paiz.

Pag. 81, lin. 9. — **O Rei moiro Orelhão**

Castilho, cuja memoria era das mais notaveis e assombrosas que temos conhecido,

refere-se aqui ao poemeto *Santa Comba dos valles*, com que um insigne classico quinhentista, o Doutor Antonio Ferreira, celebrou o martyrio da dita Santa.

Pag. 84, lin. 4. — **O Dominó nas egrejas**

Allusão ao deploravel costume, que nos parece um tanto modificado, de se tocarem nas orchestras das festividades sacras trechos de musica profana. Nos *Vivos e mortos* tratou Castilho largamente o assumpto. Aqui refere-se a fragmentos da antiga opereta do theatro da rua dos Condes *O Dominó preto (Le domino noir)*, por acaso tocados ou cantados n'algum templo.

Pag. 84. lin. 9. — **O snr. Franzini**

Marino Miguel Franzini, honrado homem, a quem tivemos ainda a fortuna de conhecer, sabio notavel, politico honesto protótypo do funccionario util, sério, e bom. Contou-se entre os amigos de Castilho; este em varios passos das suas obras allude a Franzini, que foi, segundo nós julgamos, o pae verdadeiro dos estudos meteorológicos em Portugal.

Pag. 85, lin. 2. — **A egreja de S. Francisco**

Se coubesse aqui um capitulo desenvolvido de antiguidades lisbonenses, haviamos de escrevel-o, bem ou mal. Como não cabe tudo quanto o assumpto exigiria, limitar-nos-hemos a poucas e succintas noticias, que dêem aos leitores de hoje em dia um conhecimento aproximado do celebre e vetustissimo convento de S. Francisco.

Tanto mais util ficará sendo o esboço,

quanto as gerações modernas parecem haver timbrado em demolir, vilipendiar, fazer esquecer, as memorias d'esta casa claustral, notavel entre todas. O convento propriamente dito, ou o arrazaram, ou o repartiram entre si para variados usos, como uma alcateia de chacaes famintos desmembra a dentes a sua preza; a sumptuosa egreja, demoliram-n-a a pedra e pedra, e empregaram-lhe a alvenaria e os marmores em obras profanas; o proprio titulo, o nome do Orago, o luminoso nome do grande S. Francisco, teem tratado, muito de caso pensado, de o apagar e expungir em toda a parte: o largo em frente é da *Bibliotheca Publica*; a bella rua a seguir até ao Chiado é de um explorador africano, que nada tinha com ella; a rua occidental, que lembrava a invocação do templo outr'ora tão ligado e contiguo com o antigo mosteiro, a rua *dos Martyres*, usa o nome de outro africanista. Do seraphico de Assis, apenas se lê o nome na calçada que sobe dos Retrozeiros até ao Ferragial, e na outra ingreme viella que trepa do Almada; mas será por pouco tempo, até que algum vereador se lembre de as reclamar para si ou para algum amigo. E' triste, mas é bem verdade: ha hoje o propósito firme de obliterar tudo quanto é velho, nobre, historico, sagrado; e esse propósito é a vergonha das Vereações.

*

Quem percorre o bellissimo plano lisbonense de 1807, vê por cima da Ribeira das náus um grande quarteirão irregular, emoldurado

pela rua do Ferragial de cima ao sul, pela de S. Francisco ao nascente, pela travessa da Parreirinha ao norte, e pela rua Nova dos Martyres ao poente. Esse quarteirão muito vasto já tinha sido desbastado e regularisado pelos alinhamentos pombalinos, e já se entrajava ás modas da Lisboa renascida.

Temos alem d'este o plano immediatamente anterior ao terremoto de 1755; rasgavam-se lhe no perímetro seis claustros; a saber: o que ainda hoje existe como dependencia do Governo civil; e outro, que tem a enorme cisterna, e outros que desappareceram nas demolições, e de que seria difficil dar ideia sem um plano.

Ainda mais extranharemos, se compararmos o estado actual com a planta de Tinoco (1650). O quarteirão monastico ainda no seculo XVII era muito vasto, enquadrado entre as ruas: da Cordoaria velha, ao nascente (a qual corria pouco mais ou menos, e tortuosa, por onde desliza hoje a de S. Francisco); a do Ferragial, ao sul, sem communicação com a Cordoaria nova, depois chamada do Thesoiro velho, ao poente; a da Parreirinha, ao norte, com communicação para a das Portas de Santa Catherina. Esse quarteirão era apenas rasgado de norte a sul por uma viella sem sahida, talvez a rua do Saco, com seus dois becos. Eis ahi o que se pode perceber do desenho de João Nunes Tinoco.

O terreno da egreja d'este convento pegava pelo seu extremo sueste com o vetustissimo templo de Nossa Senhora dos Martyres, transferido depois de 1755 para o sitio onde se acha hoje, e orago da populosa fre-

guezia a que pertencia a casa claustral dos Franciscanos, sua irman mais nova.

Sim: junto d'essa parochial dos Martyres, tão velha, tão nobre, tão repleta de memorias do cerco de 1147, ergueram os Frades de S. Francisco em 1217, governando el-Rei D. Affonso II, a sua vasta residencia. O sitio era optimo, e o espirito nacional acompanhou com os seus votos e as suas esmolas aquelles homens, que via serem em toda a parte, e sempre, civilisadores indiscutiveis. Tinham em volta um logradoiro vasto, que o augmento da população obrigou os frades a ir vendendo.

Em 1500, e logo depois em 1502, comprou o Duque de Bragança D. Jayme ao convento um lote de terreno, a fim de ampliar a horta, ou jardim, do seu paço, o qual ficava onde é hoje o Hotel de Bragança, e alguns predios do lado oriental do Thesoiro velho. [1]

Somos constrangidos a condensar a materia. Quizeramos poder descrever o mosteiro nos seculos proximos á sua fundação; infelizmente poucos dados existem, e as vistas antigas da cidade pouco esclarecem.

O que é certo é que d'estas paredes a dentro se reuniram varias vezes os membros de um dos tres braços das antigas Côrtes; isso faz suppôr, até certo ponto, que alguma sala capaz existiria, a do capitulo talvez, merecedora d'essa honra.

Sabe-se tambem que ahi se aposentou em

[1] Os curiosos que desejarem mais noticias sobre o paço dos Duques, podem consultar a *Lisboa antiga*, Parte II, tomo V, pagina 70 etc.

1373 el-Rei de Castella D. Henrique, n'aquella desastrada invasão com que elle talou e deshonrou o nosso territorio. Ahi, n'esse casarão desamparado dos frades, residiu com elle o tredo Diogo Lopes Pacheco, a quem se devem em grande parte aquellas ignominias; e ambos, de olhos longos e anciosos, observavam dos eirados a aterrada Lisboa.

Quando nos fins do mesmo seculo XIV cá esteve o Duque de Cambridge, em S. Francisco foram hospedados Guilhelme Beocap (como lhe chama Fernão Lopes), Almirante, ou *condestabre*, de toda a frota ingleza, e mais o Marechal Mau de Gornai. [1]

Quem podesse percorrer os claustros e capellas, toparia interessantissimos documentos, que esta maldita incuria dos Portuguezes, bem mais ainda que os incendios e terremotos, deixou destruir e esquecer.

Exemplos:

No claustro (¿qual d'elles?) mandou fazer capella e jazigo com suas Armas o venerando João Annes de Almada, filho de Vasco Lourenço de Almada (seculo XIV); esse João Annes ahi foi sepultado ao cabo da sua longa e illustre carreira de cento e dezanove invernos. [2]

Na capella mór do templo, atraz do altar grande, n'uma pedra lisa de cinco palmos

[1] Fernão Lopes — *Chron. d'el-Rei D. Fernando* — cap. CXXVIII e CXXIX.

[2] Diz isso incidentemente Francisco Coelho, rei d'Armas India, a pagina 677 do Tomo VI das *Provas da Hist. Gen. da Casa Real.*

quadrados, liam-se estas singelas palavras, que dispensam commentarios:

Aqui iaz D. Tareja May del Rey D. João o I de boa memoria.[1]

Em dias d'el-Rei D. João III, ou por motivo de ruina, ou por desejo de embellezamento, procedeu-se a reedificação consideravel [2], que não sabemos ao certo em que teria consistido; apenas nos consta que o célebre João de Castilho delineou e construiu uma das capellas. [3]

A *Estatistica* manuscrita de 1552, conservada na Bibliotheca de Lisboa, regista na casa o numero de cem frades e cinco servidores.

Nos fins d'esse seculo tudo subira de ponto. Diz-nos o Padre Duarte de Sande no seu escrito *Lisboa em 1584* o seguinte:

«Não sei se é mais para admirar o numero de religiosos, a grandeza do edificio, a extensão da egreja, ou a quantia de esmolas, com que os fieis todos os dias soccorrem esta casa. O numero de religiosos excede a duzentos; a vastidão do templo, que tem tres naves, é tal, que não ha em Lisboa outro maior. Admiram-se n'elle muitas e precio-

[1] Luiz Montez Mattoso — *Memorias sepulcraes do Real Convento de S. Francisco da Cidade* — mss. em poder do snr. Conselheiro Venancio Augusto Deslandes, actual Administrador Geral da Imprensa Nacional de Lisboa.

[2] *Hist. Gen. da Casa Real*—T. III, pag. 488

[3] Raczynski—*Dictionnaire historico-artistique*, citando como fonte a Torre do Tombo, Chancellaria d'el-Rei D. João III, Liv. 34, fl. 2.

sissimas capellas, entre as quaes, além da majestosa capella-mór, é formosa a que foi fundada por Martim Affonso de Sousa, um dos Vice-Reis da India, revestida toda de riquissima talha doirada.»[1]

Uma curiosidade muito devota se admirava e visitava á parte esquerda por baixo do côro, no alpendre da egreja: era uma grande Cruz de páu, de quarenta palmos de alto. Na base do braço principal liam-se estas palavras apenas:

Fela / Simão / Jorge na / nao S. / Francisco / na era / de / 602 /.

Os piedosos visitantes commentavam assim o letreiro:

Na barra de Coulão, na India oriental, encalhou entre pedras a náu portugueza «S. Francisco»; e foi o Santo seu orago que a salvou, apparecendo a um marinheiro, e lhe deu o seu bento cordão, e lhe disse:

— Toca com elle a agua do mar.

E tendo o marinheiro obedecido á risca, logo a náu trincando as amarras deu um salto por cima das pedras para a parte contrária e segura. Partiram todos entre si em bocadinhos para reliquias o cordão; e os marinheiros, chegando a Lisboa em 1604, do mastro do seu navio engenharam esta Cruz, e a collocaram no alpendre de S. Francisco,

[1] *Archivo pittoresco*—T. VI, pag. 92. Traducção do latim para portuguez por Antonio José de Figueiredo.

onde recordava a devoção d'aquelles espiritos sinceros, embora visionarios. [1]

O viajante francez Monsieur de Monconys, tão conhecido pelas suas noticiosas apreciações de Portugal, escreveu em 1628:

«Possuem os Franciscanos uma casa enorme, em que vivem duzentos e cincoenta religiosos. A egreja é assaz vasta, e a abóbada aguenta-se em grandes pilares, ella e elles revestidos de folhagens doiradas sobre fundo azul. O claustro é muito vasto, alegrado de laranjeiras, e communica-se com a rica sacristia, na extremidade da qual ha uma capella com jazigo para os Arcebispos.» [2]

Como havia mais de um claustro, chamava-se um por antonomásia *o de dentro*. N'elle se abria á parte do sul uma quadra denominada *de profundis*. Viam-se ahi varias sepulturas; na 5.ª lia-se:

> *Sepultura de João Pinto Ribeiro e de sua mulher e herdeyros. Jaz nella D. Anna de Castello Branco, sua Filha, falleceu a 19 de Dezembro de 1637.* [3]

[1] Palavras quasi formaes das citadas *Memorias sepulcraes* de Montez Mattoso, citando a *Historia seraphica*, Parte III, Livro XVII, capitulo XII, n.º 1275.

[2] *Les cordeliers ont un bâtiment trés grand, dans lequel vivent deux cents cinquante Religieux; l'Eglise est assez grande, et la voûte soutenue de grands piliers, toute azurée et dorée en feuillages, comme aussi le sont les piliers. Le cloître est très grand, égayé d'orangers, avec une riche sacristie, au bout de laquelle il y a une chapelle de marbre pour y enterrer les Archevêques.*

Voyages de M. de Monconys—T. IV, pag. 33.

[3] Montez Mattoso—*Memorias sepulcraes* citadas.

Outro morto illustre (¡e quantos haveria mais!) era o laborioso Frei Manuel da Esperança, benemérito chronista da Ordem, fallecido n'este convento a 26 de Novembro de 1670, das 8 para as 9 horas da noite, com oitenta e quatro annos de edade. Na sua campa mandou um seu grande amigo, o Doutor João Carneiro de Moraes, Chanceller mór do Reino, gravar o seguinte epitaphio:

Admodum Reverendo Patri Fratri Emmanueli ab Spe, hujus Provinciæ Portugalliæ Religione et virtute decori maximo, Ministroque Provinciali, ac Chronographo dignissimo, non ad memoriam libris immortalem, sed ad æternum amicitiæ monumentum, hunc lapidem a se humilem, ab ossibus illustrem, Doctor Joannes Carneiro de Moraes maximus Regni Cancellarius posuit. Obiit 26 Novembris anno Domini 1670. [1]

Quer dizer em portuguez:

Ao muito Reverendo Padre Frei Manuel da Esperança, summo ornamento d'esta provincia de Portugal pela sua religião e virtude, e seu Ministro provincial e Chronista dignissimo, o Doutor João Carneiro de Moraes, Chanceller mór do Reino collocou esta lápide, de si humílde, mas illustre pelos ossos que recobre; e não para commemorar a quem pelos seus livros se immortalisou, mas para deixar um eterno monumento á amisade.

[1] Diogo Barbosa Machado—*Bibliotheca Lusitana* T. III, pag. 250.

Falleceu a 26 de Novembro do anno do Senhor 1670.

Um certo Antonio Pereira, que não sabemos quem fosse, nem em que reinado vivesse, instituiu n'este mosteiro uma capella, cujos bens apparecem annunciados para venda perante o Conselho da Fazenda em 1813. [1]

Em 19 de Junho de 1707 ateou-se no convento um medonho incendio, a que se refere o noticiosissimo Frei Apollinario da Conceição. [2]

Provavelmente os estragos repararam-se quanto possivel, e depressa, porque as esmolas correram com alacridade, e o serviço religioso continuou sem interrupção. E' que as devoções eram intensas e geraes na velha Lisboa, não só nos particulares, educados á antiga nos principios sãos, que as civilisações á *moderna* tratam de destruir, mas até collectivamente nas proprias corporações officiaes.

Exemplo d'isto é a Junta Real do Commercio, entre outras agremiações Tinha por sua Protectora Nossa Senhora da Conceição, a cuja Imagem celebrava festa solemne annual n'uma das capellas d'esta mesma egreja de S. Francisco. Extinguindo se a Real Junta em 1720, houve el-Rei D. João V por bem continuar por sua conta o mesmo culto, [3] de modo que os devotos não ficaram prejudicados.

[1] *Gazeta de Lisboa*—n.º 250, de 25 de Outubro de 1813

[2] *Demonstração historica da parochia dos Martyres*—pag. 258.

[3] *Hist. gen.—Prov.*—T. IV, pag. 761 in fine.

¡Quantas outra festas, quantas outras solemnidades, publicas e particulares, votivas e funebres, não veriam e não mencionariam esses devotos frequentadores do mosteiro! desde as sumptuosas exequias do poderoso Duque do Cadaval em Fevereiro de 1727, [1] até aos mais populares festejos aos Santos do calendario portuguez! De Santo Antonio (e basta este por todos) se venerava em capella sua especial uma antiga e milagrosa Imagem. Tendo se obtido e collocado lá um osso d'esse Orago, toda Lisboa concorreu a visital o; não faltando no domingo 22 de Junho do mesmo anno de 1727 a Rainha D. Maria Anna de Austria, acompanhada do Principe e das Infantinhas. [2]

Tudo ali caminhava sereno e pautado sob o regimen monachal, quando na madrugada de 30 de Novembro de 1741 rebentou outro incendio. que em pouco tempo consumiu todo o dormitorio, a casa da livraria, que era famosa em Lisboa, a casa do despacho da Ordem Terceira, que tinha custado perto de 20 mil cruzados, etc. O fogo durou até ao dia seguinte [3] Foi um lamentavel successo, que amotinou Lisboa inteira. A posição do edificio no viso do seu oiteiro, dominando a baixa em frente dos môrros orientaes, a popularidade d'aquellas festas e procissões, a sympathia grangeada desde seculos pelos bemfazejos mendicantes, as riquezas accumu-

[1] *Gazeta de Lisboa* n.º 5, de 30 de Janeiro, n.º 6, de Fevereiro. n.º 9, de 27 de Fevereiro de 1727.

[2] *Gazeta* n.º 27 de 3 de Julho de 1727.

[3] *Gabinete historico* por Frei Claudio da Conceição, T. IX, pag. 249.

ladas n'aquellas capellas antigas, a fama da livraria cheia de obras primorosas, tudo isso interessou tanto o Publico lisbonense, que sahiu uma *Relacão* descriptiva annunciada na *Gazeta*, noticiario unico de nossos maiores.[1]

Pensou-se logo na restauração; além das esmolas publicas, consignou el Rei D. João V dez mil cruzados annuaes, durante dez annos, destinados á nova obra, e quitou os direitos de entrada a toda a madeira do Brazil que a ella se destinasse.[2]

Do plano e do seu architecto, nada nos occorre, a não ser que foi necessario demolir a antiga casa do capitulo.[3]

Não se achavam ainda concluidos os reparos e as reedificações, estavam ainda humidas aquellas paredes novas, e ainda alçados talvez os tabiques provisorios, quando amanheceu sereno e cheio de sol, mas breve se resolveu e desatou em ruidosas ruinas e incendio voraz, o fatal 1.º de Novembro

[1] N.º 6, de 1742. Communicação do erudito snr. Anselmo Braamcamp Freire.

[2] *Gabin. hist.* T. XI, pag. 313.

[3] Esse pormenor consta do proprio titulo de um manuscrito que em 6 de Dezembro de 1885 nos emprestou o nosso velho amigo Dr. Venancio Deslandes, intitulado: *Memorias / Sepulchraes / Do / Convento Real de S. Francisco da / Cidade de Lisboa, que se queimou em 30 / de Novembro de 1741, demolindo-se / o Capitulo na sua Reedificação / Tiradas / Pelo Rev. Padre / Luiz Montez Matozo / scalabitanense / Anno MDCCXLI. /*

Este Ecclesiastico, de quem não fala Innocencio, é tambem autor de outro folheto publicado em 1745, *Historia do Senhor Roubado de Odivelias*, que possuimos.

de 1755. Foram consideraveis os destroços em S. Francisco.

Possuimos uma *Narração do formidavel terremoto*, coeva, anonyma, inédita, e fidedigna, onde se lê na pag. 22 o seguinte:

«A egreja dos Religiosos de S. Francisco da Cidade cahiu por terra; matou muita gente. Algumas pessoas livraram por capellas recônditas, como na do Senhor dos desamparados, na casa que servia de sacristia, e outras partes.

«O convento, de abóbadas ainda frescas, e que se ia acabando, se arruinou em quasi todo, sendo necessario lançar a baixo o que ficou em pé, para fazer-se de novo.

«Os Religiosos que se acharam no côro, fugiram logo de princípio; mas, não obstante isto, morreram no convento onze, entre os quaes foram o Mestre Lamatilde, e o Mestre Linhares; e em varias partes fóra do convento, treze.

«O fogo consumiu tudo que havia na egreja e convento, em que entrou a boa livraria d'elle, e a do côro, que era muito especial, e rara pelas antiguas e modernas solfas e excellentes estampas; e tambem consumiu toda a riqueza de ornamentos, pratas, e imagens, da Ordem Terceira.»

Da antiga e opulenta livraria dos bons Franciscanos era bibliothecario um Frade, cujo nome não nos occorre n'este momento, mas cujo retrato em ponto grande se conserva n'uma das paredes da Bibliotheea Nacional, com a designação de ser elle o pastor do rebanho bibliographico do convento.

O minucioso e honrado Padre João Baptista

de Castro, testemunha ocular do flagello que ainda hoje nos faz estremecer, conta que as restaurações do incendio de 1741 se achavam completas nas partes do nascente e do norte; e as obras continuadas até 1755 já tinham absorvido mais de seiscentos mil cruzados (240 contos de reis), extrahidos da consignação annual d'el Rei D. João V, continuada por el-Rei D. José, acrescendo mais de duzentos mil cruzados de esmolas do Brazil, quarenta e tres mil que deu a Santa Casa de Jerusalem, dezoito mil de esmolas tiradas na côrte, e cinco mil no Bispado do Porto.

A egreja nova, segundo o mesmo bom informador «era formosissima; constava de tres naves formadas com doze columnas de notavel altura. Era o seu côro muito alegre e espaçoso, e nobilissimo; e tinha o tecto de abóbada pintado de excellente architectura pelo famoso Baccarelli. Ornavam a egreja muitas capellas, algumas de grande custo, e n'ellas se dava culto a muitas imagens de Jesu-Christo e de Maria Santissima. D'esta eram mais de onze, tendo todas suas irmandades que tratavam d'ellas com exemplar devoção; excedendo a todas a da Ordem Terceira, de que eram irmãos todas as Pessoas Reaes, e quasi toda a fidalguia da Côrte, e innumeravel gente de todos os estados; dizem que em alguns annos chegou a numerar vinte mil irmãos, e render sessenta mil cruzados.»

Continúa o mesmo informador:

«Achava-se n'esta conformidade tão grande templo e convento, em que assistiam duzentos Religiosos, e elle com a duração de

quinhentos e trinta e oito annos desde a sua primeira fundação, promettendo quasi eterna permanencia, segundo a fortaleza com que ia reedificado. Porém o formidavel terremoto destruiu e abateu totalmente o côro, egreja, capella-mór, as varandas do claustro grande junto da egreja, e os seus arcos, que se conservavam na reedificação; e sobrevindo logo o vehemente incendio, converteu em cinzas a maior parte do convento e egreja, com todos os víveres da Communidade, toda a sua livraria, que constava de mais de nove mil volumes, todas as suas alfaias, as muitas e preciosas da veneravel Ordem Terceira, as da célebre e antiga irmandade da Madre de Deus e sua excellente capella, e as de todas as mais irmandades; e se presume que derreteu a maior parte da prata, pois até agora não tem apparecido mais que um calix e um thuríbulo; sendo o mais sensivel d'este fracasso a morte de quasi seiscentas pessoas e doze Religiosos, que pereceram dentro da egreja e convento, porque, como a ruina foi subitânea, não deu logar a que muita gente que estava dentro podesse toda pôr se em salvo.»

D'este desabar assim repentino de paredões enormes, escapou a parte setentrional sobre a travessa da Parreirinha, onde é hoje o Governo civil; tudo isso, que se chamava *a Terra Santa*, pois ahi se albergavam os frades da Palestina, e sobre cujo portão ainda se via em 1906 o brasão de Armas de Godofredo de Bulhão, a cruz entre quatro outras cantonadas, ainda toda a nossa geração o conheceu intacto; mas ha dois ou poucos

mais annos deram-lhe feição nova. N'essa dependencia do grande recinto claustral ficaram em 1755 poucos frades, porque os mais d'elles passaram para Campolide, ahi edificaram uma pobre barraca de lona, e resaram pela primeira vez os officios em commum na vespera de Nossa Senhora da Conceição. D'ahi transferiram-se para uma quinta a Entremuros, onde por esmolas construiram uma ermida de madeira com tres altares, resando já os officios na vespera do Natal.

Esses poisos provisorios não podiam fazer esquecer a reedificação do primitivo convento. Juntos alguns fundos, e assente pouco mais ou menos o plano, começou-se em Agosto de 1757 o desentulho da vastissima ruina. Não afrouxava a devoção publica; a escarcella dos mendicantes ia juntando, a seitil e seitil, com que se erguesse de novo aquella sossobrada casa claustral.

. . . .

Aqui temos de valer-nos do grande e descomprehendido operario das archeologias lisbonenses, o bondoso José Valentim de Freitas. Esse trabalhador, esse martyr obscuro, esse desconhecido ao Público ocioso, e ás Vereações da Cidade que tanto lhe deveu, esse incançavel, de quem nunca sei falar sem enthusiasmo e dôr, observava a sua querida Lisboa, registava-lhe as transformações, descrevia-lhe as ruinas, com amor de filho e de artista.

Nos apontamentos manuscritos que deixou, e que, não sabemos como, foram providencialmente parar ao archivo da Real Associa-

ção dos Architectos e Archeólogos, achamse nada menos de quarenta e um desenhos relativos ao convento franciscano; e lêemse entre outros os seguintes paragraphos, em que elle pinta a egreja, que os frades, nos annos subsequentes ao terremoto construiram, ou antes atamancaram. Oiçam:

«A egreja provisoria do convento de S. Francisco da Cidade era um barracão, que formava em rectangulo o corpo da egreja de sul a norte, com os dois angulos da parte do norte cortados,... e d'onde começava a capella mór. Para a parte do sul, no lado do nascente, ficava a porta da entrada; seguia-se-lhe a pia da agua benta, uma capella, uma porta para a escada do pulpito, uma capella, o pulpito, e outra capella. No lado obliquo uma porta, e erguia-se a capella mór. No outro lado obliquo, e no lado do poente, repetia-se o mesmo sem pia da agua benta; e a porta fronteira á da rua deitava para um corredor do claustro. No lado do sul tinha duas portas, e uma pia de agua benta; e no lado ao olivel do alto dos arcos das capellas tinha o côro, que tinha uma especie de varanda para a egreja, mas vinha a ficar sobre as capellas do claustro.

«Em roda, sobre uma barra de duas fiadas de azulejo almofadado côr de limão, em todos os membros havia azulejos azues, onde estavam representados diversos actos da vida de S. Francisco de Assis. Estes azulejos subiam no centro com os seus remates de ornato até á altura de dezanove fiadas e quasi meia. A sua pintura era soffrivel, e feita com muita franqueza. Os de baixo do côro, S. Fran-

cisco ressuscitado, eram dos melhores. A representação dos do centro era em um globo de nuvens a Virgem Maria; do seu lado direito seu Santissimo Filho, com a Cruz encostada a si; do lado esquerdo S. Francisco, e um Anjo que o apresenta. Estas nuvens, guarnecidas de Anjinhos e Seraphins. O letreiro que estava no remate dizia:

Esta Igreja de São
Francisco da Cidade
sempre foi dedicada á immaculada Senhora dos Anjos
da Porciuncula.»

Falta acrescentar, que em frente da egreja havia um terreirinho, onde se erguia um cruzeiro.

Foi de certo d'esse templo interino, tão conscienciosamente descrito pelo modesto observador, a quem tanto deveria hoje a nossa Lisboa se as Vereações o tivessem sabido aproveitar, foi d'ali, que o eminente Bocage, ainda menino de poucos annos, mas já a ensaiar os adejos lyricos do improviso, presenceou a sahida da Procissão das cinzas, a enorme turba multa, o apertão nos claustros e na rua; e ao tornar a Setubal, perguntando-se-lhe o que vira, respondeu:

Fui ver a Procissão a San-Francisco,
a quem o povo chama *da Cidade;*
e é grande raridade
que indo eu em carne não voltasse em cisco.

E no entanto, ia adiantando de vagarinho a reconstrucção dos dormitorios e do tem-

plo. O templo, que nunca chegou a acabar-se, promettia ser pela magnificencia do traçado e pela riqueza dos materiaes, uma das maravilhas da Capital. Entraram pelo seculo XIX as obras.

José Valentim, para quem não havia n'estes assumptos minucias despresiveis, copiou n'uma porta fingida da capella mór este apontamento, que ali traçára a lapis fugitivo um desconhecido, frade ou empreiteiro, d'aquelles para quem o registo certo de uma data é emprego util de tempo:

No dia 4 de Março do 1799 se pôz o primeiro pedestal da capella mór.

E est'outro:

A 11 de Setembro se pôz a prim.ra collumna com chuva no anno de 1800.

Como o templo, apenas em esbôço, não tinha ainda tecto, essa observação da chuva dá um pittoresco realmente engraçado. O tecto viria a seu tempo, diziam com fé viva os constructores, sem poder adivinhar que d'ahi a trinta e quatro annos havia de chegar a suppressão barbara e iníquia das Ordens.

Não temos dados para estabelecer o andamento dos trabalhos; diremos só que é dos nossos dias a existencia de uma frontaria imponente e rica, ali, junto ao que é hoje a Bibliotheca, e no sitio exacto da parte setentrional d'aquelles predios muito grandes, muito chatos, muito semsabores, muito ricos, que pertenceram aos negociantes Yglesias.

Compunha-se essa frontaria monumental de tres partes, no sentido horizontal: um elevado embasamento, um corpo dórico, e ou-

tro superior, jónico. No sentido vertical, era o centro composto de tres portas de volta redonda sobrepojadas de tres janellas orna mentadas de phantasia, acompanhado tudo de dois outros corpos um pouco reintrantes, tambem adornados de janellas, menores que as tres centraes.

Esta descripção é feita muito por alto, e por quem não é artista; mas cabe aqui notar a belleza da pedra, e a finura da cantaria. Aquella mole sem tecto erguia-se com muita arrogancia sobre o Pelourinho; se se tivesse concluído, muito maior altura attingiria.

¿De que servia esse recinto amuralhado? de nada. Não sabemos se até 1834 continuariam algumas obras; é porém claro que tudo então cessou. Alugava-se de longe em longe, ou emprestava-se aquelle terreiro para espectaculos de arlequins, exposições de feras, etc.; e até, em 1843 ou 44 (se nos não falha a memoria) ali esteve um Francez com um balão. O balão, captivo por fortissimos calabres, subia até muito a cima das ultimas cornijas, levando o dono, aeronauta pacato e sem aspirações a Icaro, e alguma criança que os espectadores lhe emprestassem por poucos minutos. O balão erguia-se duas ou tres duzias de braças a cima das paredes, e a vista sobre a Cidade e o Tejo era deslumbrante.

Até estes píncaros, verdadeiramente historicos por muitos motivos, conduziam, desde a Calcetaria (hoje a parte baixa da rua Nova do Almada e S. Julião) umas calçadas ingremes e irregulares; mas como essa com-

municação era necessaria entre as immediações da Ribeira e o Bairro alto, traçou-se e executou-se, não podemos bem dizer quando, nem como; só sabemos que em 1619, anno em que Francisco Rodrigues Lobo descrevia em verso a jornada d'el-Rei D. Filippe a Lisboa, já isso se denominava calçada de S. Francisco [1].

Pouco antes do terremoto, em Março de 1754, começou-se a reedificar esta calçada n'uma curva elegante, «por novo e nobre desenho, — diz o Padre Castro — «fundando-se de pedraria lavrada, e elevando se desde a bôcca da Calcetaria, nivelada com a esquina da capella mór da Patriarchal até ao palacio que foi do Conde da Ribeira, aos Martyres.»

Note o leitor, que esses *Martyres* são os antigos, junto a S. Francisco.

Vê-se que é o traçado actual da calçada de S. Francisco, com pequena differença; e o palacio *do Conde da Ribeira*, minuciosamente estudado na *Lisboa antiga*, é o que fica no alto, ao Ferragial, com o seu terradinho lateral. Quanto á calçada com os seus acroterios de pedraria lavrada, taes como os representa certa gravura coeva, «o grande terremoto — conclue o sabio autor do *Mappa de Portugal* — arruinou tudo antes de se concluir.»

Esse fragmento de Lisboa, apesar de tão central, continuou no maior desalinho desde o terremoto. O sitio da egreja velha dos Martyres, transferida d'ali para o Chiado

[1] Obras de Lobo—ed. de 1723, pag. 697, col. 1.ª

pela reconstrucção pombalina, e toda a rua do Ferragial de cima, muito mais estreita do que hoje, eram entulhos inclassificaveis, ainda em 1848, e mal allumiados; commettiam-se por ahi furtos e assaltos, e campeavam impunes os ratoneiros e os mal ensinados. De mais, como o terreno era cretáceo em todo aquelle vasadoiro, vinha ahi quem muito bem queria buscar carroçadas de barro; e tendo-se em Junho de 1836 começado a substituir por edificações regulares as ruinas que orlavam a calçada de S. Francisco, a Camara bem mereceu dos seus munícipes por tão sensata resolução. [1]

Ainda assim, os alindamentos levaram longo tempo. Em 4 de Maio de 1849 representou a Vereação ao Ministro do Reino sobre a necessidade de se mandar, pela Repartição das Obras publicas, construir um muro junto ao edificio por concluir, e já arruinado, a que chamavam a egreja nova de S. Francisco, a fim de evitar a tirada do barro, que era diária, e punha em risco a segurança d'esse grande templo, pertença da Fazenda nacional.[2]

Em Janeiro de 1852 autorisava a Camara o respectivo Vereador a mandar fazer um gradeamento de ferro, que lá está, na cortina ao fim da calçada, tornejando para a rua de S. Francisco (hoje largo da Bibliotheca). [3]

Logo no mez seguinte approvou a Cama-

[1] *Synopse dos principaes actos administrativos da Camara Municipal de Lisboa em 1836*, pag. 12.

[2] *Synopse etc.*—em 1849, pag. 13.

[3] *Synopse etc.*—em 1852, pag. 5.

ra o contrato relativo do dito gradeamento.[1]

Uma novidade aos transeuntes habituaes do sitio:

O que é hoje largo da Bibliotheca, aquelle terreiro sombreado de arvores rachiticas, e onde se levanta ha dois annos o busto do Visconde de Valmor, Fausto Guedes, não existia até 1856, talvez. Por outra: a actual frente da Bibliotheca não cahia, como cai hoje, sobre logradoiro publico, mas sim sobre um claustro do antigo convento; o actual corredor, que sai da Escola de bellas-artes, prolongava-se até á rua. Foi por 1856 que tudo isso, tão caduco e tão irregular, se demoliu e varreu; e em sessão de 20 de Novembro d'esse anno foi autorisado o benemerito Vereador Ayres de Sá Nogueira a mandar arborisar «o novo largo que se formou em frente do extinto convento de S. Francisco da Cidade;[2] e logo na sessão de 27 se decidiu ficasse a cargo do Vereador Esteves de Carvalho «mandar executar o terraplanamento e abertura das covas para a plantação do novo largo.»[3]

Com esses taes quaes adórnos contrastava bastante o desalinhado e ruinoso vulto da isolada frontaria da egreja sem tecto, que, graças ás suas paredes de castello, permanecia em pé, dominando a Baixa toda, como um protesto mudo das eras mortas. Pensou-se em acabar de vez com esse espantalho,

[1] *Synopse*, pag. 9.

[2] *Annaes do Municipio de Lisboa* — 1866 — n.º 20, pag. 154.

[3] *Annaes*, etc. — n.º 21, pag. 162.

que envergonhava os suppressores das Ordens religiosas, e mandou-se-lhe dar em Dezembro de 1856 o alinhamento conveniente.[1]

Logo depois, a 30, vistorisou-se o chão, já vendido em lotes, e foram avisados para o acto os respectivos donos.[2]

Em 16 de Fevereiro de 1857 resolveu a Camara pedir licença ao Governo para abrir uma rua entre as ruinas da egreja e a Academia, a fim de estabelecer communicação entre o actual largo e a rua Nova dos Martyres[3]. Não se realisou.

Por este tempo, succediam a S. Francisco de Assis os negociantes Yglesias e outros proprietarios, pessoas certamente muito respeitaveis, mas talvez menos crédoras do que Elle á veneração das gerações. O sitio tomou feição nova, e triumphou por ali o lapis do mestre d'obras rotineiro.

Em 1 de Dezembro de 1864 officiava o Marquez de Sousa Holstein, Vice Inspector da Academia Real das Bellas-Artes, pedindo á Camara Municipal mandasse quanto antes calçar o largo, que se achava em misero estado. A Camara respondeu que o dito largo era propriedade particular, e por isso ella nada podia[4]. Não percebemos a resposta.

Eis aqui ficam alguns apontamentos fugitivos, que poderiamos ampliar, e não pouco, se escrevessemos Lisboa antiga. Para aqui, e como simples nota, bastam e sobram.

1 *Annaes*, etc. — n.º 22, pag. 170
2 *Annaes*, etc. — n.º 24, pag. 187.
3 *Annaes* etc. — 1857, n.º 29, pag. 227.
4 *Archivo Municipal* — 1864, n.º 259, pag. 2068.

Foi-nos muito agradavel conservar estas fugitivas memorias, em forma de apontamentos, visto como é na proximidade do antigo mosteiro, na propria rua de S. Francisco (hoje chrismada), que se acham as officinas typographicas onde se estão imprimindo estas obras de Castilho, na esquina setentrional da calçadinha de S. Francisco. Quem quizer saber mais, consulte o *Agiologio Lusitano*; Tomo III, pag. 810, a *Demonstração historica*, pag. 422, etc.

Pag. 86, lin. 6 — **Visconde de Villarinho de S. Romão**

Este sabio, ainda hoje lembrado, era Antonio Lobo de Barbosa Ferreira Teixeira Girão, 1.º Visconde de Villarinho de S. Romão, em Villa Real, Fidalgo da Casa Real, do Conselho de Sua Majestade, Par do Reino, Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e de outras Sociedades sabias, etc. Nasceu em 1785; casou em 1808 com sua prima D. Margarida Libania de Sousa Teixeira Girão, e falleceu em Lisboa a 17 de Março de 1863. Castilho teve n'elle um dos mais intelligentes e fecundos collaboradores da *Revista*.

Pag. 86, lin. 8 — **Adaptação das ruinas da egreja velha de S. Francisco para o edificio da Bibliotheca Nacional**

Andava no ar a ideia de se estabelecer devidamente a Bibliotheca Nacional de Lisboa. A installação primitiva tinha sido no Terreiro do Paço, no andar onde se acham hoje os *proprios nacionaes*. D'ahi passou,

depois de roubadas as Ordens religiosas pelo decreto de Aguiar, para o vasto edificio do convento de S. Francisco.

No seu luminoso *Relatorio acerca da Bibliotheca Nacional de Lisboa e mais estabelecimentos annexos*, o Bibliothecario mór Doutor José Feliciano de Castilho Barreto de Noronha (Lisboa, 1844, 4 volumes), depois de ponderar no capitulo XXI os graves inconvenientes do predio, cujo plano monastico era inadaptavel aos usos de uma casa de leitura publica, diz ao Ministro Conde de Thomar:

...«A dignidade nacional, a conservação de material tão importante, a conveniencia do serviço, a commodidade do Publico, tudo aconselha que se apresse com todas as fôrças o dia, em que a Bibliotheca Nacional seja devidamente collocada.

«Para chegar a tão desejavel fim, terei a honra de submetter a V. E. incessantemente um plano, pelo qual, quasi sem gravame da fazenda publica, se poderá levantar um edificio, digno do fim a que é destinado. Com esse intuito trabalho por juntar dados e avaliações competentes, afim de poder falar com inteira segurança. Todavia desde já posso repetir o que oralmente tenho por varias vezes representado a V. E.

«O incompleto templo de S. Francisco offerece todas as proporções para uma bibliotheca majestosa. Uma avultadissima parte da despeza indispensavel está feita, pois se aproveitam os alicerces, as paredes, e a frontaria, com leves alterações. A vasta capacidade da sala interior presta-se facilmente

a toda a disposição que para conveniencia e elegancia se lhe quizer dar, consentindo até reunir quasi n'uma sala a totalidade d'este consideravel material. A isolação, a incombustibilidade, e a facilidade de ventilação, são qualidades de tal casa inapreciaveis. A centralidade da sua situação, e a circumstancia de ter uma só entrada, são condições importantes para o Publico, e para a segurança do estabelecimento. Por ultimo: aformoseia-se uma parte das mais bellas da Capital, completa-se um edificio magnifico, e salva-se da destruição inevitavel o nosso principal deposito dos conhecimentos humanos.

«E a tão desejavel resultado pode chegar-se com mui pouco sacrificio da fazenda publica. A transferencia para a nova Bibliotheca poría á disposição do Estado os dois vastissimos andares do convento de S. Francisco, que ella e o depósito hoje occupam. Para aqui poderiam ser transportados, com vantagem maior d'esses estabelecimentos e do Público, um que hoje paga vergonhosamente renda a particulares, e outro que nem tem ainda local, e que, com os fracos recursos de que dispõe, difficilmente poderá jámais elevar casa, que se assemelhe á que o depósito lhe cederia. Os dois capitaes, que já hoje existem, e que essa transferencia libertaria, bastariam, com pequeno auxilio mais, para completar a grande e util obra, que ardentemente sollicíto.

«Serei mais explicito, quando podér (o que cedo terá logar) estabelecer os meus calculos em algarimos».

Apesar de tão bons desejos, e passados

sessenta e tantos annos, tudo permanece como estava. ¿Tudo? não; peorámos. A Bibliotheca, a despeito das longas e dispendiosissimas tarefas que tem exigido ás Obras publicas, continúa mal e pessimamente aquartelada; e o majestoso edificio da egreja monastica destruiu-se, vendeu-se a retalho, substituiu-se por edificações particulares. Vai tudo sempre muito bem.

Pag. 88, lin. 4. — **Quod non fecerunt barbari fecerunt Barberini**

O que os barbaros não fizeram, fizeram-n-o os Barberini.

Explicação:

O amphitheatro Flavio, chamado o Colliseu, em Roma, uma das maravilhas da architectura dos Antigos, resistiu a dois mil annos de existencía, com quanto muito mutilado pelo vandalismo dos modernos, bem mais que pelo tempo. Chegaram as autoridades a permittir, que d'aquelle monumental acervo de marmores e alvenaria se fossem arrancar materiaes para edificações particulares. Custa a crer, mas, em todo o caso, algumas vereações lisbonenses devem approvar a sem-ceremonia. As invasões dos hunos e dos vandalos tinham respeitado a grande mole do Colliseu; mas a familia dos Principes Barberini locupletou-se com a pedraria com que edificou o seu admiravel palacio; e foi, segundo se diz, o Santo Padre Urbano VIII, filho da Casa, quem tolerou, ou determinou, essa *roupa de francezes*. Por isso o bom senso popular protestou no conhecido proverbio: O que os

barbaros pouparam, cometteram-n o os Barberini.

Pag. 88, lin. 8. — **Theatro ran**

E' sempre a mesma ideia do theatro *agrião*, theatro aquatico, etc., applicada ao novo edificio, por causa dos lençoes de agua subterranea que jorravam do alicerce.

Pag. 90, lin. 19 e 20. — Processo de D. Thomaz de Napoles contra o Visconde de Villa-nova de Souto d'el-Rei

D. Thomaz de Napoles de Noronha e Veiga, Fidalgo Cavalleiro, natural de Bemfica, avô de D. Thomaz, Visconde de Alemquer, ha poucos annos fallecido.

O Visconde de Villa-nova de Souto d'el-Rei, Antonio José de Almada e Mello Velho de Lancastre de Carvalho da Fonseca de Castro e Camões, 4.º Visconde, etc.

Ignoramos o pleito que se agitou entre ambos estes fidalgos.

Pag. 90, lin. 24. — **O Delegado Castilho**

Adriano Ernesto de Castilho Barreto, Bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra em 1822. Nomeado Delegado do Procurador Régio no 4.º Districto de Lisboa por decreto de 24 de Dezembro de 1834; posse em 16 de Janeiro de 1835. Na 5.ª vara por decreto de 19 de Abril de 1837; exonerado a 31 de Janeiro de 1840. Delegado na 3.ª vara por decreto de 7, e posse de 16 de Janeiro de 1841. Ajudante do Procurador Régio da Relação de Lisboa, por decreto de 11, e posse de 15 de Outubro de 1844. Juiz, etc.

Pag. 90, lin. 25. — O Juiz Paredes

Era o Conselheiro D.or Manuel da Cunha Paredes, honrado e perito magistrado, que todos ainda conhecemos, pois falleceu haverá apenas vinte annos. E' seu filho o snr. D.or Paredes, e seus netos os dois talentosos literatos Silvas Gayos. O notavel homem de letras Manuel da Silva Gayo, autor do *Mario* e do *D. Frei Caetano Brandão* era marido da senhora D. Emilia Paredes, filha do citado Conselheiro Paredes.

Pag. 92, lin. 4. — O mancebo de quem o nosso Theatro mais se tem enriquecido

Esse elogio, tão merecido e brilhante, dirige-se ao joven e muito esperançoso José da Silva Mendes Leal. Tinha em 1843 apenas vinte e tres annos, e havia quatro que os seus dramas *Os dois renegados* e *O homem da mascara negra* o tornaram celebre. Pouquissimas carreiras literarias se estrearam com tanto esplendor. Mendes Leal gosou entre os literatos portuguezes da sua edade realeza indisputada; os annos da maturidade mostraram que os seus primeiros clarões não tinham sido fogos fátuos. Lyrico admiravel, dramaturgo feliz e engenhoso, tornou-se um dos mais apreciados e famosos romanticos de Portugal. Gloria ao seu nome; e oxalá um editor emprehendesse reunir em volume os versos, os dramas e comedias, os romances, os elogios academicos, e até os discursos parlamentares, d'esse vigoroso talento; seria preito aos velhos, e ensino aos novos.

Pag. 92, lin. 8. — José Maria da Silva Leal

Os *Vivos* e *mortos* mencionam varias vezes, e com apreço, este sizudo e apurado critico e investigador.

Pag. 92, lin. 17. — Perini

Cesar Perini, natural de Lucca, na Italia, appareceu em Lisboa, e conviveu com a phalange literaria do tempo. As *Memorias de Castilho* mencionam-n-o e estudam-n-o.

Pag. 142, lin. 20—Qualquer vendilhão de Napoleões e papagaios de gesso.

Hoje não se entende geralmente essa allusão. Refere-se Castilho a uns vendedores ambulantes, quasi sempre italianos, que vagueavam em Lisboa, offerecendo por preços convidativos uns artefactos mais ou menos artisticos, mais ou menos perfeitos, fundidos em gesso. Eram estatuetas mythologicas, copias do antigo; eram umas cathedraes oucas, que lembravam um pouco a de Milão, com vidros de côres nas janellas, e em cujo interior se punha uma lanterna, para ficarem servindo de lamparinas; eram bustos de homens notaveis, etc. Entre este ultimo grupo figurava muita vez o Heroe de Austerlitz, cuja gloria ainda em 1843 irradiava grande luz. Era vulgar encontrar no taboleiro d'estes vendilhões ambulantes a figura caracteristica de Napoleão, com a sua grande sobrecasaca sobre a farda, chapéo armado, e os braços cruzados sobre o peito.

Il avait petit chapeau
Avec redingote grise.

Hoje nem esses vagabundos já apparecem, nem já talvez as suas cançadas fôrmas reproduzissem Bonaparte. Os tempos são outros, outro o theatro, e mui outros os actores.

Pag. 143, lin. 14 — **Passava-se isto á vista da Estatua equestre**

Por esta phrase, e por esta ideia, já expressa n'outra parte, se vê que a sala da Junta promotora do Monumento era algures no Terreiro do Paço. Onde, é que não sabemos.

Pag. 144, lin. 12 — **O Monumento havia de ser forçosamente com uma estátua**

Assim o ordenava a Junta, mas não procedia com acêrto. A escôlha do plano e do feitio do Monumento devia pertencer unica e exclusivamente aos artistas concorrentes. Estátua ou não estátua, columna ou arco, isso era lá com elles. E depois de erguida a mole, embora fosse magnifica, teria sempre que dizer e notar o passeante ocioso.

Lembramo-nos de que, dizendo-se que a estátua do Imperador havia de ficar com o rôsto para o theatro, os engraçados ponderavam:

— D. Pedro com a Carta constitucional na mão, estaria dizendo a Gil Vicente: O' amigo, ¿queres trocar?

E dizendo-se que a estatua ficaria (como ficou) com a frente para o sul, os mesmos, em virtude do *preso por ter cão, preso por não ter cão*, exclamavam:

— Gil Vicente na sua attica está chamando pelo Imperador, e dizendo-lhe: O'

meu senhor, Vossa Majestade esqueceu esta papeleta.

Ha sempre modo de epigrammar; mas de todas as criticas a mais aguda, é a seguinte:

Erigiu-se n'uma praça de Salamanca um monumento a Christovão Colombo. O navegador vê-se de pé, com o globo terraqueo na mão, como apresentando o. A estatua ficou por acaso voltada para o predio onde residia um dos mais famosos lentes da célebre Universidade, chamado Mamès.

E os estudantes fizeram esta chistosa quintilha:

Esta estatua que aqui ves
es de Cristoval Colon,
el ilustre Genoves;
tiene en la mano um melon,
y se lo ofrece à Mamès.

Pag. 148, lin. 11 — **O sr. Pezerat, engenheiro francez**

Este talentoso homem, que em 1843 era desconhecido de Castilho, e que dez annos depois era um dos seus bons amigos, e dedicado admirador, mereceria aqui detida menção, se as *Memorias de Castilho* o não apresentassem em toda a sua luz. Artista grande, e nobilissimo caracter; francez pelo nascimento, portuguez pela alma.

NOTAS AO VOLUME IV

Pag. 7, lin. 16 — **O célebre Arago**

Francisco Arago, o grande astrónomo que foi o orgulho da França, deixou vestigio bri-

lhantissimo da sua passagem no Mundo, e ainda hoje, apesar do progresso da Sciencia, é venerado.

Foi irmão do talentoso Thiago Arago, que em 1853 esteve em Lisboa, de passagem para o Rio de Janeiro, onde falleceu.

Em Lisboa travou as mais affectuosas relações com Castilho, como as *Memorias* contam minuciosamente.

Pag. 7, lin. 19 — **O Maire**

Era autoridade correspondente aos nossos Administradores de Concelho.

Pag. 8, lin. 5—**A Lua**

Attribuiu-se até certo tempo a queda dos *aerolithos* aos vulcões lunares, que os expelliam. Hoje sabe-se que não são outra coisa senão fragmentos minimos de materia cósmica disseminados no espaço, e atrahidos á Terra; a passagem d'elles na nossa atmosphera assignala-se pelos traços luminosos a que chamamos estrellas cadentes.

Encore une étoile qui file,
Qui file, file, et disparaît...

Pag. 17, lin. 14 — **Os brincos selvagens do Carnaval passaram de moda**

Sim, passaram momentaneamente; mas voltaram. E' de 1840 e tantos, e 1850 e tantos, o delirio brutal com que Lisboa celebrava o carnaval. Não ha qualificação para a grossaria d'aquillo tudo: a immundicie, a obscenidade, a descortezia, davam-se as mãos e tripudiavam. N'estes primeiros annos do

seculo XX, com as batalhas de flores e as mascaradas collectivas e vistosas, parece que o nosso carnaval vai tomando feição mais europeia. Deus o queira. Saturnaes não pertencem ao Christianismo.

Pag. 33, lin. 6 — **O snr. Julio Maximo de Oliveira Pimentel**

Honrado e sizudo homem, a quem ainda tivemos a fortuna de conhecer, pois manteve relações cordeaes com Castilho. Foi, pelo fallecimento de seu Pae, 2.º Visconde de Villa-Maior. Os seus conhecidos talentos, o seu vasto saber, a sua probidade, a sua dedicação ao serviço publico, elevaram-n-o a cargos brilhantes, que desempenhou sempre com brio. O acto a que se allude ahi é dos que mais affirmam a hombridade e galhardia d'aquella alma.

Pag. 41, lin. 6 — **O snr. José Silvestre Ribeiro**

Consagrou-lhe sempre Castilho a mais elevada consideração, e manifestou-lh'a em particular e em publico muita vez.

Pag. 47, lin. 2 — **O Passeio aos domingos**

Esse pequenino quadro está exactissimo. O antigo Passeio publico, de sempre saudosa memória para nós que tanto o conhecemos e o gosámos, era a mais agradavel diversão que a Lisboa operosa possuia para os dias feriados, e para as horas tristes.

D. Carlos de Mascarenhas, irmão do Marquez de Fronteira D. Trasimundo, era então Commandante da Guarda Municipal, a qual foi (como é hoje) um primor de aceio,

disciplina, e bom serviço; e a sua magnifica banda marcial, orgulho dos Lisboetas, era a grande attracção dos domingos do Passeio publico. Essas tardes inolvidaveis celebrou-as Leonel Marques Pereira no seu conhecido quadro, já reproduzido pela gravura.

Pag. 61, lin. 3.—**Alguma substancia abundante na Natureza**

Parece que o autor do artigo adivinhava em 1843 o petróleo, que hoje se generalisou pelo Mundo todo.

Pag. 64, lin. 23.—**Descobriu-se emfim o methodo de reproduzir as côres naturaes pelo Daguerreotypo**

Miragem. Ainda se não descobriu essa maravilha.

Pag. 66, lin. 1.—**O Doutor Jeronymo Joaquim de Figueiredo**

Era um antigo Lente da Universidade de Coimbra no tempo de Castilho como estudante; pae de Albino Francisco de Figueiredo, Venancio de Figueiredo, e Antonio.

Pag. 72, lin. 3.ª—**Os que mais se assignalaram como salvadores no incendio do Collegio dos Nobres**

A phrase ahi empregada, em que o autor diz que não mencionará nomes, «por não incorrermos involuntariamente na culpa de *parciaes*», leva-nos a crêr que ao espirito se lhe apresentava n'esse momento o nome de seu irmão José Feliciano de Castilho, então Deputado, e que, correndo ao logar

do sinistro, praticou verdadeiros prodigios de valor, a ponto de ficar gravemente ferido. Os jornaes mencionaram os actos da sua valentia, e as *Memorias de Castilho* conservaram isso tudo.

Pag. 73, lin. 20. — **O relogio...... já não bateu as quatro horas**

Esse paragrapho é realmente bello. A menção do relogio é um traço de verdadeiro talento. Faz estremecer.

Pag. 95, lin. 11. — **O Advogado F.**

Esse infeliz homem, antigo condiscipulo, ou comtemporaneo, de Castilho na Universidade de Coimbra, segundo se vê no 3.º paragrapho d'esta mesma pagina, é mais uma triste prova de que não ha que fiar nas fortunas e alegrias do Mundo. De todo ignoramos o seu nome, nem temos com quem informar-nos.

Pag. 97, lin. 15. — **Antonio Maria dos Santos Monteiro**

Foi Director da Alfandega de Lisboa, Conselheiro, etc.; era pessoa de muito fino e agradavel trato, e muitissimo bem intencionada. Entrou em innumeraveis obras de caridade; este seu acto de 1843 revela bem a sua boa alma.

Pag. 98, lin. 19. — **Miguel Paes do Amaral e sua mulher**

Elle pertencia á nobre Casa dos Paes de Mangualde; ella era nada menos que irman do grande e sempre lembrado Marechal

Duque de Saldanha. Habitavam na rua das Portas de Santo Antão, no palacio junto a S. Luiz Rei de França, em cuja frente se vêem ainda as Armas dos Paes esquarteladas com as da Casa Barberini, de Roma (tres abelhas em roquete). Foi este um casal respeitabilissimo e respeitadissimo na alta sociedade lisbonense, sobre tudo pelas virtudes que a ambos os conjuges distinguiam.

Pag. 105, lin. 9 — Hypacio Vielle

Foi um notavel relojoeiro, estabelecido n'uma das ruas de Lisboa; cabeça intelligente, e genio emprehendedor. Castilho conheceu-o muito, e apreciava-o.

Pag. 111 lin. 5 — Pessimo estado da Bibliotheca Nacional de Lisboa

Todo esse quadro, de côres carregadas mas bem verdadeiras em 1843, deixou de ser exacto, desde a remodelação do estabelecimento em 1863. Antonio da Silva Tullio, encarregado da reforma pelo Ministro do Reino Anselmo José Bramcamp, metteu hombros á custosa empreza de mudar a apparencia da casa internamente, e, se não conseguiu mais, foi só porque era isso impossivel. Foi um dos funccionarios mais zelosos da Bibliotheca, e teria deixado lá um grande nome, se alguns dos seus successores o comprehendessem, e se quizessem honrar a si proprios honrando o a elle.

Pag. 112, lin. 15 — Chamava aos seus livros um poeta os seus boisinhos.

Talvez lembrado d'isso compôz Castilho

o seguinte distico, entre outros que adornaram algum tempo o alto das estantes da sua livraria:

Cultor do entendimento, eis os teus prados,
tuas sementes, os teus bois e arados.

Pag. 113. lin. 5 — **Manuel Innocencio Liberato dos Santos**

Este insigne compositor musical, e pianista notavel, ainda tivemos a subida honra de o conhecer e de o ouvir. Era suave e melódico em tudo quanto executava; as suas composições não sabemos julgal-as. Sem estrondo, sem esfórços, com a maxima pericia, interpretava a primor as obras mais difficeis, dando-lhes um brilho e uma expresssão, que só elle sabia achar. Foi Manuel Innocencio uma gloria da Arte, e a Rainha a senhora D. Maria II teve-o por mestre.

Pag. 113, lin. 12 — **Maggiorotti**

Se não nos enganam as nossas informações, este tenor, depois de ter brilhado em S. Carlos e n'outros theatros, perdeu a voz, e abalou para o Brazil, onde ainda vivia em 1855, triste, desenganado das glorias mundanas, e dando lições para comer.

Pag. 125, lin. 16 — **O snr. Reis e Vasconcellos.**

José Joaquim dos Reis e Vasconcellos passava, com toda a justiça, por ser um dos magistrados mais rectos e austéros do fôro portuguez. Foi um constitucional ordeiro, amigo particular e auxiliar do Duque de Palmella D. Pedro.

Pag. 129, lin. 19 — Alexandre Herculano

Essas quinze linhas, até ao fim do capitulo, são mais uma prova da maneira generosa como Castilho media os elogios, sempre de cogulo, e ás mãos rôtas. Poderão a alguns parecer exageradas taes apreciações, mas, exageradas ou não, nasciam-lhe do fundo da alma.

NOTAS AO VOLUME V

Pag. 5, lin. 2—Theatro normal

Depois da sahida do emprezario e ensaiador francez Emilio Doux, o palco do theatro da rua dos Condes empenhou-se em se nacionalisar. A isso alludem os elogios de Castilho n'este artigo.

Era aquillo uma sala theatral mesquinha e sem luxo; mas, pelas obras que ahi se deram, e pela sociedade culta e elegante que nos camarotes e nas plateias se encontrava, merecia foros de primeiro theatro portuguez, assim como pela pericia dos executantes merecia os de *normal*. O edificio que lá vemos hoje no mesmo sitio, esquina da rua dos Condes para a Avenida da Liberdade, onde campeava o seu caduco e venerando antecessor, na esquina da rua dos Condes para a rua Oriental do Passeio, é totalmente outro do que viram nossos paes, e onde brilharam *Os dois renegados*, de Mendes Leal, *Os dois campeões*, de D. Pedro da Costa, etc. etc., a *Ericia* de Bocage, e a *Nova Castro* de João Baptista Gomes.

Não cabe aqui a historia do theatro desde a sua fundação; levar-nos-hia longe esse estudo; isto não é *Lisboa antiga.*

Pag. 6. lin. 17—**Felner**

Castilho refere-se a Rodrigo José de Lima Felner, Socio da Academia, e literato de certo talento e bastante applicação.

Pag. 11, lin. 2—**Carestia de um barrete**

Salvo o devido respeito, não concordamos absolutamente com as apreciações do jornal *A Restauração*, e do autor dos *Casos do meu tempo.*

A manutenção da Santa Sé é indispensavel para a existencia do Catholicismo, e para o equilibrio do mundo; essa mantença exige largas sommas; exigem-n-as não menos os encargos pesadissimos que tem a Curia com as enviaturas diplomaticas, as esmolas avultadas que distribue, a propaganda multiforme e constante das boas ideias. A quantia a que se allude aqui não era, a final, trocada por um simples barrete n'uma simples caixa de marroquim; era trocada pelas mil vantagens espirituaes que de Roma dimanavam. Os fieis contribuem todos, cada um na sua quota parte, para terem acezo no meio das trevas aquelle grande luzeiro. Depois da nefasta queda do poder temporal; os encargos recresceram; mas (diga-se o que se disser, e faça-se o que se fizer) a barca de Pedro não vai a pique.

Pag. 13, lin. 2—**Ciumes negros**

Parece-nos esta anecdota fugitiva do noti-

ciario lisbonense uma das mais bem contadas do volume.

Pag. 43, lin. 15—**No palacio velho da Ajuda**

Por esse adjectivo figura-se-nos que o paço ahi mencionado não é o actual, onde mora Sua Majestade a Rainha Mãe, mas sim o outro, mais ao descer a encosta, no alto do Jardim botanico.

Pag. 57, lin. 2—**Bibliotheca de Braga**

O zeloso e sabio Bibliothecario era então Joaquim Heliodóro da Cunha Rivara, abalisado funccionario, literato instruidissimo, amigo leal de Castilho. A maneira notavel como exerceu longos annos o elevado e espinhoso cargo de Secretario Geral da India, dá a medida exacta da sua valia intellectual.

Pag. 59, lin. 6—**O Representante de Prussia n'esta Côrte**

Allude-se ao Conde de Raczynski, bem conhecido pelos seus estudos de Arte em Portugal. Onde pára hoje esse fragmento architectonico levado por elle, é que sería curioso averiguar.

Pag. 117, lin. 2—**Casimir Delavigne**

Um robusto talento; um literato grande em toda a extensão da palavra; um dramaturgo de larga esphera; um dos mais efficazes adeptos e propagadores da escola romantica. O nome de Delavigne é uma das glorias puras da França.

Pag. 131, lin. 6—**O snr. Antonio Pedro de Salles**

Ainda vivia por 1860. Era então um velho de aspecto muito bondoso, cabello e suissa de neve, e com a merecida reputação de pessoa muito honesta. Conservou sempre relações affectuosas com Castilho, talvez principiadas nos annos da *Revista*.

Pag. 133, lin. 2—**O convento de Xabregas**

Refugimos a dar aqui algumas noticias que possuimos sobre este importante mosteiro, hoje reduzido a ser fabrica de tabacos. Não desejamos allongar estas notas com coisas que para muitos leitores serão importunas. Apenas diremos que n'essa egreja, respeitada pelas labaredas em 1844, jazia o grande pintor portuguez Francisco Vieira Lusitano, que n'esses sitios do Beato curtiu as dores da sua viuvez.

Pag. 137, lin. 2—**Francisco Joaquim Bingre**

Do que dizem os seus biographos fica no nosso espirito a ideia da bondade e do suave desprendimento d'este poeta. E' uma figura, se não primacial, certamente muito sympathica, entre os buliçosos versejadores do tempo.

Pag. 143, lin. 7—**João Baptista Gomes**

Se este poeta está hoje esquecido de muita gente, poucos alcançaram fama egual. A sua *Nova Castro* foi das obras mais vezes lidas e ouvidas, e mais vezes representadas em theatros publicos e particulares. Por 1873 havia em Alcantara, junto á ponte, um bar-

racão intitulado *theatro*; representava ahi uma pobre companhia hespanhola. Annunciou-se *D. Ignez de Castro*; fomos; topámos com a peça de Gomes traduzida em castelhano.

NOTAS AO VOLUME VI

Pag. 8, lin. 20—A snr.ª Duqueza de Palmella

Refere-se Castilho á virtuosa e santa 1.ª Duqueza, D. Eugenia Telles da Gama. Conheceu-a de perto, e tinha n'essa bondosa senhora uma admiradora convicta a afeiçoada.

Pag. 8, lin. 36—O snr. Padre Joseph Ilsley

Foi na Casa de S. Pedro e S. Paulo (vulgo *os Inglezinhos*) em Lisboa uma das figuras mais conspícuas e respeitadas; subiu a Presidente da Congregação. Homem instruido, e campeão denodado das doutrinas catholicas, fundou o Collegio de Entremuros, ensinava sempre e a todo o propósito, e deixou entre os seus collegas e amigos a fama de um justo. Castilho manteve sempre com Ilsley as melhores relações.

Pag. 23, lin. 7—Antonio da Silva Tullio

Dedicado amigo de Castilho, seu discipulo em Letras e sequaz, desde 1838 ou 39, e seu admirador até ao fim. Poucos caractéres se apontarão certamente tão limpos, tão grandes, como o de Tullio.

Pag 35, lin. 13—**O Ex.mo Senhor D. Francisco Alexandre Lobo**

Homenagem inteiramente justa. O snr. Bispo de Vizeu foi um dos luminares da Literatura do seu tempo, e pessoa de virtude indiscutivel. Uma das feições caracteristicas de Castilho foi prestar respeito a quem lh'o merecia. Aos velhos sobretudo, aos seus predecessores na estrada da vida e do trabalho, honrou sempre com a mais sincera veneração.

Pag. 37, lin. 2—**Tempestade em Lisboa**

Todo este artigo é notavel pela fôrça e exacção do descriptivo. E' modelo no genero. Tem um colorido valente, que não esquecerá a quem uma vez ler esses paragraphos. E' talvez uma das joias do pincel d'este pintor da Natureza.

Pag. 47, lin. 7—**O tremebundo dente de pau**

Usavam os dentistas ter pendente á porta um colossal dente de madeira, como annuncio. Parecia mais um môxo de sentar, do que um dente. Isso acabou.

Pag. 73, lin. 2—**Portento musico**

Ainda conhecemos muitas pessoas que se lembravam com enthusiasmo d'este serão artistico. Foi um assombro em Lisboa. D'esses paes e d'esses filhos resta apenas o nosso velho amigo o snr. Achilles Fontana, alto empregado no Banco de Portugal. Este artigo deve certamente avivar-lhe saudades.

Pag. 91, lin. 2 — O Mondego no Tejo.

Trata-se ahi do tristemente celebre navio, que armado em brigue de guerra pereceu no Oceano Indico a 22 de Janeiro de 1860. Foi mal agoirado á nascença. Se ao deslizar no estaleiro matou um homem, muitos mais matou ao afundar-se n'aquella terrivel catástrophe, que D. Antonio da Costa com tanta eloquencia memorou no seu livro *José de Castilho, o heroe do Mondego.*

Pag. 96, lin. 25 — O Leão da quinta das Laranjeiras

O fastuoso e opulento Conde do Farrobo, senhor hereditario d'essa quinta senhoril na estrada de Bemfica, possuia ahi o unico *pateo de bichos* que então havia em Portugal. Em jaulas apropriadas tinha um leão, uma leôa, um tigre, pantheras, etc.

A voz do rei dos animaes ouvia se com effeito muito ao longe em Lisboa e nos arredores. Todos os pormenores d'este artigo estão exactissimos. Hoje, tendo mudado de dono mais de uma vez, é a quinta das Laranjeiras o jardim zoologico dos lisbonenses.

Pag. 103, lin. 2 — Segundo fogo da Magdalena

Este artigo é um quadro admiravèlmente pintado; tela enorme, que fica lembrando para sempre.

São innumeraveis as vezes que a *Revista Universal* exhortou as Vereações a que melhorassem os serviços de incendios, e concitou n'esse sentido a opinião publica. Inventores portuguezes trabalharam no assumpto, e os inventos estrangeiros foram trazidos a lume. N'aquelle tempo os campanarios amo-

tinavam a Cidade, e ao seu chamamento lugubre concorriam as bombas puxadas pelas companhias de aguadeiros commandadas pelos seus capatazes. Sim, mas a maior parte das vezes faltava a agua, e os soccorros eram prestados a eito, sem disciplina, sem tactica. A cooperação particular dos visinhos e dos transeuntes casuaes contribuia para a confusão do trabalho. ¡Que distancia d'esse estado cahótico para o actual!

Pag. 117, lin. 4 — **O snr. Abbade Castro**

Era o erudito Abbade Antonio Damaso de Castro e Sousa, sujeito applicado, doce, muito polido, e que pelo trajo austero, e pelas maneiras, lembrava o antigo regimen. Prestou serviços á Literatura historica; é innegavel; o que o não livrou das facécias dos que só teem por si a facécia. Ha ahi um livro em que o Abbade Castro é tratado como um caturra inutil, que passava a vida a investigar quantos botões tinha o gibão de Affonso de Albuquerque, ou quantas fivelas tinha a armadura do Gama. Pois desenganem-se esses detractores inoffensivos: o Abbade, e os do feitio do Abbade, hão de ficar lembrando, quando das gracinhas d'esses taes nem resto já se perceber.

Pag, 119, lin. 4 — **Manoel Maria Corrêa Seabra**

Foi um honrado e diligente solicitador de causas em Lisboa. Ainda o conhecemos, e attestamos a sua indole excellente. Uma das provas d'ella, foi o empenho que manifestou nos aperfeiçoamentos dos methodos de *salva-vidas* para incendios. Lembramo-nos do

predio de madeira, com todos os aparelhos, de que elle se servia para demonstrar o seu systema; estava em cima de uma grande meza, e fazia os encantos de qualquer criança.

O tal official da ronda achou talvez *subversiva* a experiencia pratica intentada pelo bom Seabra em 1845.

Pag. 121, lin. 2 — **O snr. Listz**

Este grande artista visitou o seu admirador Castilho. Possuimos como reliquia um bilhete de visita deixado pelo Musico ao Poeta.

Pag. 127, lin. 5—**O Ex.mo Ministro do Reino**

Era o talentoso e energico Antonio Bernardo da Costa Cabral, depois Conde e Marquez de Thomar, um dos mais valiosos e dos mais calumniados chefes da Politica portugueza, como podemos demonstrar a quem o desejar.

NOTAS AO VOLUME VII

Pag. 10, lin. 30—**O snr. M. L.**

Visivelmente é Manuel Luiz cuja officina era uma das melhores de Lisboa. E' vulgarissimo ver em estampas lithographicas a designação d'esse artista.

Pag. 13, lin. 2—**A aranha**

Quem inventasse, e para quê, este carapetão monstruoso, não constou nunca; mas a verdade, que mil vezes ouvimos repetida, é que Lisboa toda se remecheu, e o pasmo foi geral.

Pag. 14, lin. 11 — O Museu da Academia Real das Sciencias

Nos corredores e salas do extinto convento de Jesus, mantinha-se o lindo e abundante meseu de Historia natural, bellas-artes, e curiosidades varias, reunido com tanto amor e tanta diligencia pelo Padre Mestre Frei José Mayne, e disperso um bello dia aos quatro ventos pela Academia. Foi esse um acto de vandalismo inqualificavel. As quintas feiras eram um ajuntamento popular muito curioso no Museu; bastava a vista d'aquelles milhares de objectos alinhados, ou pendurados, ou conservados em vidraças, para educar o espirito. ¿Que dirá, lá no Outro-Mundo o Padre Mestre, ao saber que os seus usufrutuarios, os Governos *liberaes*, e os Academicos, apreciaram assim a sua dedicação, as suas privações, e o seu amor patrio?! E' uma animação a collectores e doadores.

INDICES

INDICE DOS ARTIGOS

DO VOLUME VII

INDICE GERAL

DOS

CASOS DO MEU TEMPO

N. B. O algarismo romano designa o volume; o arábigo, a pagina.

A

B

D

E

F

G

J

L

N

O

P

Q

R

S

T

U

V

FIM

EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL

Sociedade editora



LIVRARIA MODERNA

95—RUA AUGUSTA—LISBOA


UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 02 06 010 9